



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MARIA VITÓRIA FERREIRA DIAS

**A CONTRIBUIÇÃO DE DELGADO DE CARVALHO E PIERRE
MONBEIG NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA PARA O
ENSINO SECUNDÁRIO: UMA ANÁLISE FUNDAMENTADA NO PERIÓDICO
BOLETIM GEOGRÁFICO (1943-1949)**

Guarabira/PB

2023

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MARIA VITÓRIA FERREIRA DIAS

**A CONTRIBUIÇÃO DE DELGADO DE CARVALHO E PIERRE
MONBEIG NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA PARA O
ENSINO SECUNDÁRIO: UMA ANÁLISE FUNDAMENTADA NO PERIÓDICO
BOLETIM GEOGRÁFICO (1943-1949)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de monografia, apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito pela conclusão do curso, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, orientado pela professora Dra. Angélica Mara de Lima Dias.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
Evolução do Pensamento Geográfico

Guarabira/PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D541 Dias, Maria Vitória Ferreira.

A contribuição de Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig na formação do professor de Geografia para o ensino secundário [manuscrito] : uma análise fundamentada no periódico boletim geográfico (1943-1949) / Maria Vitória Ferreira Dias. - 2023.

55 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias, Coordenação do Curso de Geografia - CH. "

1. Geografia moderna. 2. Ensino secundário. 3. Formação docente. I. Título

21. ed. CDD 910

MARIA VITÓRIA FERREIRA DIAS

**A CONTRIBUIÇÃO DE DELGADO DE CARVALHO E PIERRE
MONBEIG NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA PARA O
ENSINO SECUNDÁRIO: UMA ANÁLISE FUNDAMENTADA NO PERIÓDICO
BOLETIM GEOGRÁFICO (1943-1949)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de monografia, apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão de curso, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, orientado pela professora Dra. Angélica Mara de Lima Dias.

LINHA DE PESQUISA: Evolução do Pensamento Geográfico.

Aprovada em: 30/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Angélica Mara de L. Dias

Prof. Dra. Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Diego Carlos Pereira

Prof. Dr. Diego Carlos Pereira (Avaliador Externo)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Rafael Pereira da Silva

Prof. Dr. Rafael Pereira da Silva (Avaliador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu querido tio Paulo Fernandes
Ferreira (*in memoriam*), eternamente
presente em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Deus, pela vida, sabedoria e tenacidade.

À professora Angélica Dias, por aceitar ser minha orientadora desde o início do curso. Sou muito grata por todos os aprendizados ao longo do itinerário acadêmico, não só como aluna e orientanda, mas como amiga e filha universitária. Agradeço por me apresentar a História da Geografia escolar e a pesquisa, que se tornou a minha grande paixão. Pela oportunidade de trilharmos juntas por três vezes o PIBIC, no qual a senhora pôde me fornecer grandes ensinamentos. Por me receber em sua casa de portas abertas com tanto carinho e ternura. Amo você!

À minha querida mãe Lúcia e avó Hilda por todo apoio e incentivo, sempre se dedicando para que eu pudesse alcançar os meus objetivos, e ao meu pai José Ailson por todo o carinho e amor. Amo vocês!

Ao meu querido irmão Vinícius, por me socorrer nas horas que mais precisei com sua inteligência e paciência. Obrigada por existir!

À tia Geniete por todo apoio e atenção. Amo você!

Às minhas meninas, Luciara, Euríbia, Hayane e Maynara, colegas de curso que se tornaram grandes amigas. Agradeço a cada uma por tantos momentos felizes e pela cumplicidade mútua que se tornou ponto basilar do nosso companheirismo. Amo vocês!

À Thalita, minha querida e grande amiga, presente dessa trajetória acadêmica. Obrigada por estar comigo em todos os momentos bons e ruins durante a graduação, você me possibilitou fortaleza nos momentos de fraqueza, alegria nos episódios ruins e sempre me fez acreditar que tudo seria possível com persistência e coerência, nunca esquecerei das longas gargalhadas somente vivenciadas ao seu lado por mínimas besteiras (só a gente sabe, haha!), você foi essencial. Amo você!

Ao Noberto, querido amigo e parceiro de pesquisa e à Maria Vitória pelos bons momentos de descontração e alegria. Obrigada!

À Géssica, amiga-irmã, que mesmo longe sempre mandou energias positivas e grande torcida. Amo você!

Ao grupo de pesquisa LABORGEIO, muito importante na minha formação, por ter possibilitado novos conhecimentos e grandes aprendizados, e aos colegas da turma 2019.2. Obrigada!

“Na totalidade da visão, da observação e do julgamento de tudo o que é especial reside a peculiaridade do ensino da Geografia”. Ed Spranger

RESUMO

O objetivo desta monografia é a investigação dos artigos publicados no periódico *Boletim Geográfico*, destinados ao nível escolar secundário nos anos de 1943 a 1949 em detrimento de um ensino sobretudo livresco, assim visando à contribuição de Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig na formação dos professores de Geografia. A década de 1940 no Brasil, configurou-se como momento de efervescentes transformações em diversas esferas sociais, designado, inicialmente, pelo período ditatorial Estado Novo, sob o comando do então presidente Getúlio Vargas. Nesse ínterim, ocorre a consolidação dos institutos de dados e pesquisas e a proliferação dos cursos superiores de Geografia, nos quais o pensamento geográfico francês prevaleceu. Para tanto, debruçamo-nos sobre os prismas da pesquisa historiográfica, selecionando o periódico *Boletim Geográfico* (BG) como fonte principal, originado e publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Em vista disso, o processo metodológico seguiu com o levantamento de artigos catalogados em diferentes seções do impresso Ibegeano, assinados pelos professores franceses Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig, tencionando a inserção da Geografia moderna no âmbito escolar. No total, foram analisados 27 artigos, 16 firmados por Carvalho e 11, por Monbeig. Tais escritos assinalam a inserção de uma Geografia moderna no âmbito escolar, considerando as temáticas abordadas nos artigos e as prescrições metodológicas. Além disso, realizamos um levantamento bibliográfico, e autores como Ab´Saber (1994), Barros (2000), Albuquerque (2011), Batista (2018), Dias (2021) e Menezes (2006) nos auxiliaram na compreensão de nossa pesquisa. Para tanto, o periódico analisado se apresenta como uma fonte documental de extrema relevância por ressaltar os principais cenários que delinearam uma Geografia moderna no Brasil, tornando-se uma fonte historiográfica e fundamental para entender a trajetória da Geografia escolar.

Palavras-chaves: Geografia moderna; Ensino secundário; Formação docente.

ABSTRACT

The objective of this monograph is characterized by the investigation of articles published in the periodical *Boletim Geográfico*, aimed at secondary school level in the years 1943 to 1949 to the detriment of mainly bookish teaching, thus aiming at the contribution of Delgado de Carvalho and Pierre Monbeig in the training of teachers of Geography. The 1940s in Brazil were a time of effervescent transformations in various social spheres, initially designated by the dictatorial period *Estado Novo*, under the command of then president Getúlio Vargas. In the meantime, there was the consolidation of data and research institutes and the proliferation of higher education courses in Geography, in which French geographic thinking prevailed. To this end, we focused on the prisms of historiographical research, selecting the periodical *Boletim Geográfico* (BG) as the main source, originated and published by the Brazilian Institute of Geography and Statistics – IBGE. In view of this, the methodological process continued with the survey of articles cataloged in different sections of the Ibegean printed matter, signed by French teachers Delgado de Carvalho and Pierre Monbeig, intending to insert modern Geography into the school context. In total, 27 articles were analyzed, 16 written by Carvalho and 11 by Monbeig. Such writings mark the insertion of modern Geography in the educational sphere, considering the themes covered in the articles and the methodological prescriptions. Furthermore, we carried out a bibliographic survey, and authors such as Ab´Saber (1994), Barros (2000), Albuquerque (2011), Batista (2018), Dias (2021) and Menezes (2006) helped us understand our research. To this end, the analyzed periodical presents itself as an extremely relevant documentary source to highlight the main scenarios that outlined a modern Geography in Brazil, becoming a historiographical and fundamental source for understanding the trajectory of school Geography.

Keywords: Modern geography; High school; Teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia (1943) ...	21
Figura 2: Capa do Boletim Geográfico (1943).....	22
Figura 3: Delgado de Carvalho	28
Figura 4: Pierre Monbeig	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sistematização dos artigos publicados no Boletim Geográfico por Delgado de Carvalho.	39
Quadro 2: Objetivos para a realização das unidades de trabalho.....	44
Quadro 3: Sistematização dos artigos publicados no Boletim Geográfico por Pierre Monbeig.....	45

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

- BG Boletim Geográfico
CNG Conselho Nacional de Geografia
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RBG Revista Brasileira de Geografia

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	15
2- PERSPECTIVAS PARA A GEOGRAFIA MODERNA E A FIGURA DOS INTELLECTUAIS FRANCESES	18
2.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR NA DÉCADA DE 1940	18
2.2 – O BOLETIM GEOGRÁFICO.....	21
2.3 A IMPORTÂNCIA DE DELGADO DE CARVALHO E PIERRE MONBEIG NA GEOGRAFIA BRASILEIRA	26
3. METODOLOGIA.....	33
4. A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA FRANCESA NO ENSINO SECUNDÁRIO E AS PRESCRIÇÕES METODOLÓGICAS DOS PROFESSORES GEÓGRAFOS DELGADO DE CARVALHO E PIERRE MONBEIG	35
4.1 A GEOGRAFIA FRANCESA E O ENSINO SECUNDÁRIO	36
4.2 CONTRIBUIÇÕES DE DELGADO DE CARVALHO.....	39
4.3 CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE MONBEIG	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52
FONTES	56

1 – INTRODUÇÃO

A Geografia na década de 1940, como ciência de referência e disciplina escolar, ancorada nos princípios didáticos-pedagógicos e científicos no Brasil, além da influência auferida pelo movimento da Escola Nova, possui estreita relação com a escola francesa de Geografia. Para Berdoulay (2008), os métodos e concepções da Geografia francesa ocuparam um lugar importante no campo das ideias e ciências, referente ao desenvolvimento do pensamento geográfico no fim do século XIX. No Brasil, este cenário se refletiu intensamente, alicerçando, através dos geógrafos franceses e dos intercâmbios fornecidos pelos institutos da França, o método regional tão propagado por Paul Vidal de La Blache e um ensino geográfico ativo, dinâmico e exploratório.

No início da década de 1940, período do Estado Novo (1937-1945) Getulista¹, o Brasil continuava sua trajetória com efervescentes transformações nos âmbitos educacionais, sociais, políticos e culturais iniciadas na década de 1930. Neste ínterim, a Geografia enfatizava-se substancialmente como ciência modelo pretendendo delinear uma nova configuração do território brasileiro, dessa maneira, fazendo nascer, através do conhecimento científico, uma sociedade conhecedora de sua nação. Logo, estes prismas transportavam-se de maneira objetiva para a formação dos professores, essencialmente os que lecionariam no curso secundário.

Para alcançar finalidades territoriais e no âmbito formativo, Ferreira (1991) afirma que os brasileiros intencionavam a contribuição francesa, a fim de organizar novas universidades e assegurar sua atuação na reformulação no território do Brasil. Em vista disso, a concretização destas aspirações originaram novas maneiras de descortinar e atuar nos contextos requeridos. Assim sendo, “a constituição da geografia universitária, no caso brasileiro esteve ligada a opção pelo modelo disciplinar francês, materializado através da contratação de professores desta nacionalidade” (ARANHA, 2014, p. 5). É nesta estruturação científica, por efeito dos geógrafos franceses, que a concepção geográfica começa a apresentar novas formas diante do que seria adequado para a Geografia moderna almejada.

Dessa forma, Aranha (2014) destaca a cooperação existente entre os professores da academia, alunos e técnicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, concentrando-se para trabalhar elementos de pesquisas fundamentais acerca da

¹ Fase ditatorial do Governo Getúlio Vargas que se estendeu de 1937 – 1945.

reorganização do território brasileiro. Isto significa uma aliança profícua em termos de desenvolvimento da ciência geográfica, uma vez que os mesmos docentes universitários atuavam nestes institutos de dados e estatísticas, conseguindo, assim, realizar saberes obtidos na construção professoral, através dos aparelhos governamentais de pesquisas.

Como parte do conjunto de renovações, o IBGE promoveu a *Revista Brasileira de Geografia* (1939 – até este momento em circulação) e o *Boletim Geográfico* (1943 – 1978), para propagar as prósperas movimentações de uma Geografia moderna não só nas luzes da investigação, como também no âmbito educacional, mais precisamente visando sua melhoria no ensino secundário. Durante muito tempo, estes periódicos se configuraram como indispensáveis fontes de conhecimento, considerando sua particularidade de divulgação em tempo real dos aspectos geográficos (LOPES, 2019). Nessa direção, mencionamos que apesar de o periódico *Boletim Geográfico* não se configurar como um impresso destinado à formação de professores, este foi pensado e utilizado como suporte de ensino.

Em face da conjuntura citada, os geógrafos franceses a serem destacados através de suas prescrições no periódico *Boletim Geográfico* (BG) são Pierre Monbeig e Delgado de Carvalho. Nesse sentido, os geógrafos mencionados “começaram a desenvolver estudos de campo e pesquisas que consolidaram o conhecimento de caráter geográfico no país” (ANDRADE, 1999, p. 25). Com seus trabalhos se concretizando expressivamente nas universidades, é necessário sobrelevar a importância dos artigos produzidos para as publicações do impresso, tendo em vista a significativa contribuição exposta, no que concerne à formação dos professores secundários.

Com base nos projetos do aparelho administrativo governamental, propósitos importantes foram traçados para delinear o futuro da nação, logo, sucedia-se o fortalecimento do Conselho Nacional de Geografia - CNG, órgão interno do IBGE com o ensino da Geografia, vejamos:

O Conselho Nacional de Geografia ao divulgar na secção didática do seu *Boletim* a “Divisão Regional do Brasil, aprovada para fins práticos e estatísticos, a qual foi elaborada sob sua responsabilidade, prontifica-se a atender às consultas de professores e estudantes da geografia do Brasil sobre quaisquer pontos que lhes pareçam necessários aos seus estudos”. (BG, nº 1, 1943, p. 40).

Dentre as intencionalidades conectadas ao progresso do Brasil, a formação do professor secundário de Geografia se encontrava numa posição de realce, uma vez que o espectro pesquisador deveria estar esteado à docência para se chegar às realizações

educacionais e territoriais. Esse processo se constitui no interesse de gerar uma cultura valorizadora da pátria, incluindo valores morais requisitados no período do Estado Novo que fossem inculcados nos professores e transferidos para os jovens que seriam os cidadãos do futuro.

Posto isto, a problemática do trabalho se centraliza em algumas questões que orientaram a investigação catalográfica do periódico Ibegeano, dentre as quais se situam: Como se configurava a Geografia moderna a partir do pensamento de Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig através do periódico *Boletim Geográfico*? Qual a importância do *Boletim Geográfico* como periódico e para o ensino de Geografia? Qual a relevância dos geógrafos franceses na construção do pensamento geográfico brasileiro enquanto ciência e disciplina e escolar?

Nesse ínterim, as análises realizadas em relação aos artigos publicados no BG, decorrentes do IBGE, pelos geógrafos franceses, apresentam indubitavelmente normas para uma postura ativa, coerente e comunicativa, melhor dizendo que, “o professor nunca deverá esquecer que é preciso, antes de tudo, fazer um apelo a reflexão e a inteligência, ao espírito crítico, os quais se têm de exercer com rigor, lógica e ordem” (AZEVEDO, CARVALHO e MONBEIG, 1935, p.114).

Sendo assim, por meio das publicações é constatado prescrições metodológicas para o ensino, que revelam fatores importantes acerca da formação do professor secundário da época e da contextualização social. Além disso, mesmo os artigos que não possuem caráter pedagógico conseguiam auxiliar no processo formativo, uma vez que se é percebido um amplo conhecimento sobre a realidade brasileira, em termos sociais e naturais.

2- PERSPECTIVAS PARA A GEOGRAFIA MODERNA E A FIGURA DOS INTELECTUAIS FRANCESES

Neste capítulo, iremos discutir a trajetória da Geografia escolar moderna no Brasil, destacando a importância do periódico *Boletim Geográfico*, nesse momento de ascensão da Geografia no âmbito acadêmico e escolar. Enfatizamos também a influência geográfica dos professores pesquisadores Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig como notáveis nesse período de renovação.

2.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR NA DÉCADA DE 1940

As intensas transformações que ocorreram no Brasil após a “Revolução de 1930”, foram responsáveis por inserir a Geografia no palco magistral do progresso científico, ao mesmo tempo que se potencializava como disciplina escolar. Conforme Barros (2000), foram surgindo novas possibilidades para o setor político e econômico em virtude da urbanização e dos progressos da divisão social do trabalho, o que impulsionou a materialização do nacionalismo no corpo social.

Aliado a tal aspiração governamental, em 1932 foi assinado um documento nominado *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, redigido pelo intelectual Fernando de Azevedo e outros intelectuais que se denominavam renovadores da educação. Este manuscrito tinha como objetivo estabelecer orientações para uma reestruturação educacional, a qual visava instaurar amplas modificações no sistema escolar brasileiro. Nesse sentido, os interesses do alunado deveriam ser considerados, originando um ensino ativo – em que o aluno passasse a ser centro do processo de ensino-aprendizagem - em detrimento das práticas tradicionalistas, visto que “a criança sente necessidade de mover-se, de experimentar, de conhecer as coisas”. (LIMA, 2016, p. 95). É nesse contexto de uma nova configuração política, econômica e cultural que a Geografia inicia seu processo de mudança.

Com o período ditatorial conhecido como Estado Novo, instituído por Getúlio Vargas em 1937, os aspectos nacionalistas foram classificados como elementos de urgência, uma vez que o objetivo do aparelho administrativo governamental se caracterizava por obter um controle social mais intensivo. Em suma, mesmo um ensino pautado na Geografia moderna, apoiado nos ideais Escolanovistas, “uma das principais finalidades da matéria continuava sendo a formação cívica e moral do povo e a melhoria

da nação brasileira” (SOUZA, 2008, p. 68). A Geografia, portanto, fundamentava-se como disciplina escolar substancial para propagar valores morais e patrióticos estabelecidos pelo governo.

A formação do professor na perspectiva da Geografia moderna principiava um ensino compenetrado no estudo do meio, objetivando fomentar nos jovens cidadãos, saberes que quadrariam a transição de um país em sua maior parte campestre para uma nação direcionada ao sistema urbano-industrial. O panorama pretendido se caracterizava em uma “fábrica humana, a escola que ensina Geografia moderna pode e deve forjar sujeitos felizes, competentes profissionalmente, socialmente comprometidos e ambientalmente éticos”. (BATISTA, 2018, p. 8). Estes aspectos citados eram considerados cruciais para um desenvolvimento nacional harmonioso e canalizado para o trabalho e que continuamente deveriam ser estimulados pelos professores de Geografia.

A ascensão da Geografia moderna, como disciplina escolar no Brasil, orientou-se principalmente sob os segmentos da Escola Nova, responsável por apresentar um novo paradigma de escolarização, imbuída de moldes de um planejamento didático-pedagógico dinâmico e participante. Para Ficheux (1950), os objetivos de engendrar novas concepções de mundo procedentes do aparelho governamental só se concretizariam na consolidação do ensino de Geografia nas normas escolanovistas. Por outro lado, havia a elevação da Geografia como ciência de referência, originando-se nos cursos superiores que estavam se ampliando pelo território brasileiro, o que resultou em demandas pelo espectro pesquisador, como elemento fundamental, no professor de Geografia.

Entre intelectuais da Geografia que buscavam um ensino de caráter mais didático e outros que requeriam uma posição mais técnica, Monbeig (1944) defendia e propagava que os cursos superiores de Geografia deveriam atingir o duplo objetivo de fortalecer a pesquisa e a abordagem de um ensino ativo. A importância de suscitar o interesse do professor para as duas linhas citadas se configurava na necessidade de compreender veementemente o território brasileiro e todos os aspectos geográficos possíveis, objetivando atingir o êxito no ensino à custa de adequadas aplicações metodológicas.

Para a realização de pesquisas competentes e um ensino de Geografia consistente nos domínios científicos, as fundações da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, da Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935 e da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), em 1939, sinalizavam novas perspectivas formativas que estavam alinhadas aos preceitos de modernização da época. O objetivo era ampliar os estudos regionais firmados

nos métodos da Geografia moderna, tencionando aumentar a bibliografia nacional, o que auxiliaria consideravelmente o professor de Geografia na abordagem dos conteúdos brasileiros, tendo em vista que a falta de resultado acerca das terras brasileiras consistia em um dos pontos prejudiciais ao ensino (MONBEIG, 1944).

Nesse ínterim, durante a década de 1930, reformas educacionais importantes foram efetuadas para garantir uma nova educação no Brasil, a exemplo da Reforma Francisco Campos (1931) que visava “garantir cooperação entre a escola e meio social; fazer valer a condição da escola como miniatura da sociedade; apontar a educação primária como algo que prepara para a vida escolar [...]” (CARVALHO e CARVALHO, 2013, p. 147). Ainda que esta reforma tencionasse e aplicasse contribuintes inovadores na educação, Barros (2000) afirma que foi somente em 1942, com a reforma de Gustavo Capanema, que a Geografia escolar se consolida em aspectos renovadores.

A reforma Capanema (1942) se apresentava mais ajustada aos desígnios educacionais do período porque “nela vemos uma organização muito mais acabada e reflete os avanços de um governo progressista no plano econômico e autoritário no plano político do governo de Getúlio Vargas” (PIZZATO, 2001, p. 112). Neste cenário, apesar de a Geografia escolar se estabelecer em paradigmas modernos, os fins que a delineavam se afastavam precisamente dos objetivos escolanovistas. Vale ressaltar que a reforma supracitada enfatizou significativamente o ensino secundário, importante para que o governo pudesse implantar suas convicções de sociedade e para a sistematização da Geografia neste nível escolar, vejamos:

O programa de Geografia apareceu, pela primeira vez, disposto em unidades bem estruturadas, considerando-se os níveis de dificuldades, com um nível metodológico indo do geral para o particular; de uma Geografia descritiva e pouco aprofundada no curso ginásial, para um estudo mais acurado no curso colegial, no intuito de oferecer uma formação cultural aos adolescentes, indo assim, ao encontro dos objetivos da reforma (BARROS, 2000, p. 54).

Diante do exposto, podemos considerar a ascensão de um programa bem articulado, sublinhando a Geografia na educação básica, essencialmente no ensino secundário, esteada numa configuração apropriada para fins de efetivar um conhecimento geográfico crítico e agradável ao aluno. Para Azevedo, Carvalho e Monbeig (1935), o objetivo premente era substituir o sistema de ensino mnemônico e livresco por uma compreensão mais científica e reflexiva. Nesse sentido, o docente de Geografia deveria estar preparado, dispondo de uma formação eficaz, que já estava sendo trabalhada. Neste sentido, o professor José Veríssimo destaca com satisfação:

Felizmente, a criação, nos últimos tempos, de faculdades especializadas e de cursos de orientação metodológica; a divulgação de obras de doutrina e publicação de revistas encerrando artigos esclarecedores, tudo isso tem concorrido para provocar, ainda mais, a melhoria espontânea da qualidade da matéria a ser aprendida e ensinada. (BG, nº 14, 1944, p. 5).

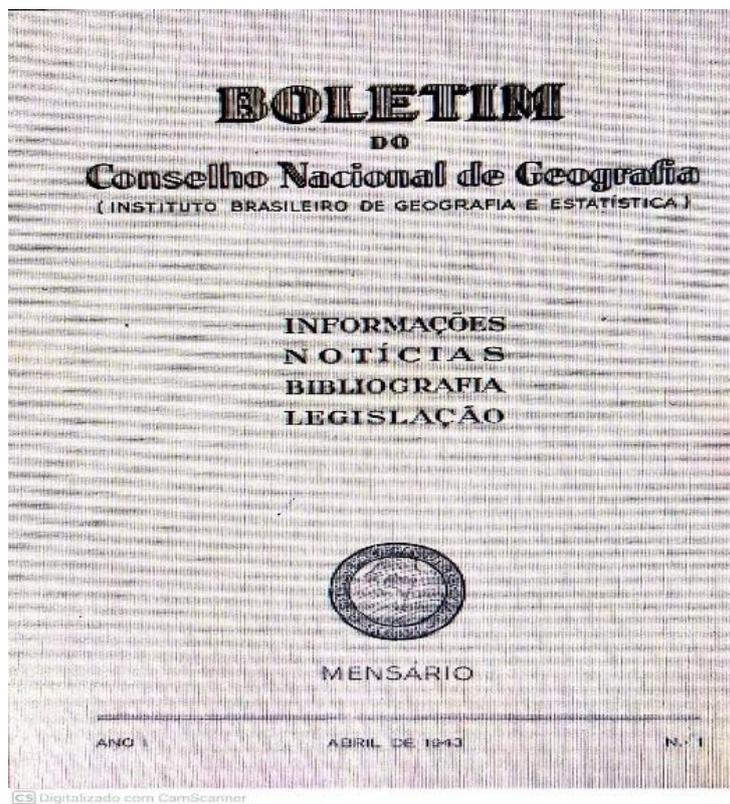
A relevância na formação do professor de Geografia se originava formidavelmente, uma vez que as mudanças almeçadas para o futuro social do Brasil poderiam se concretizar através de um ensino prático, coerente, científico e dinâmico. Para isso, novas estratégias foram se consolidando, ao longo da década de 1940, em forma de cursos de aperfeiçoamento, palestras, artigos e prescrições metodológicas. Estes contribuintes foram imbuídos na formação do professor para o ensino primário, objetivado a buscar uma articulação de forma mais direta com o mundo do trabalho e o professor do ensino secundário, prontificando a formar os jovens de elite para os cursos superiores (SOUZA, 2008).

2.2 – O BOLETIM GEOGRÁFICO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

O *Boletim Geográfico* foi criado em 23 de julho de 1941, com a resolução nº 91, deliberado através da Assembleia Geral do Conselho Nacional de Geografia. No entanto, sua primeira publicação aconteceu em abril de 1943, em função dos impactos sofridos pelo desenrolar da Segunda Guerra Mundial. Segundo o professor Virgílio Corrêa Filho, sua principal finalidade era “de servir de prestimoso veículo às mais modernas aquisições culturais no tocante aos estudos da Geografia, particularmente no Brasil, para melhor atender-lhe aos anseios progressistas.” (BG, nº 1, 1944, p. 4). Sendo assim, o *Boletim Geográfico* iniciava sua missão de difundir os resultados de estudos e pesquisas geográficas, essencialmente, os procedentes da Geografia moderna.

O impresso (Figura 1) constituía-se com um profuso acervo de conteúdo geográfico. Conforme o Secretário Geral do CNG, Christovam Leite de Castro, o periódico supracitado “[...] desde o surgir, não se ateu exclusivamente à divulgação das atividades dos órgãos centrais, regionais e municipais do Conselho, mas estendeu as notícias, contribuições e comentários a todos os fatos da geografia nacional” (BG, nº 4, 1943, p. 4). Ou seja, seus resultados perpassavam as esferas governamentais, dialogando com diversos âmbitos da Geografia, consolidando, assim, sua expressividade cultural geográfica.

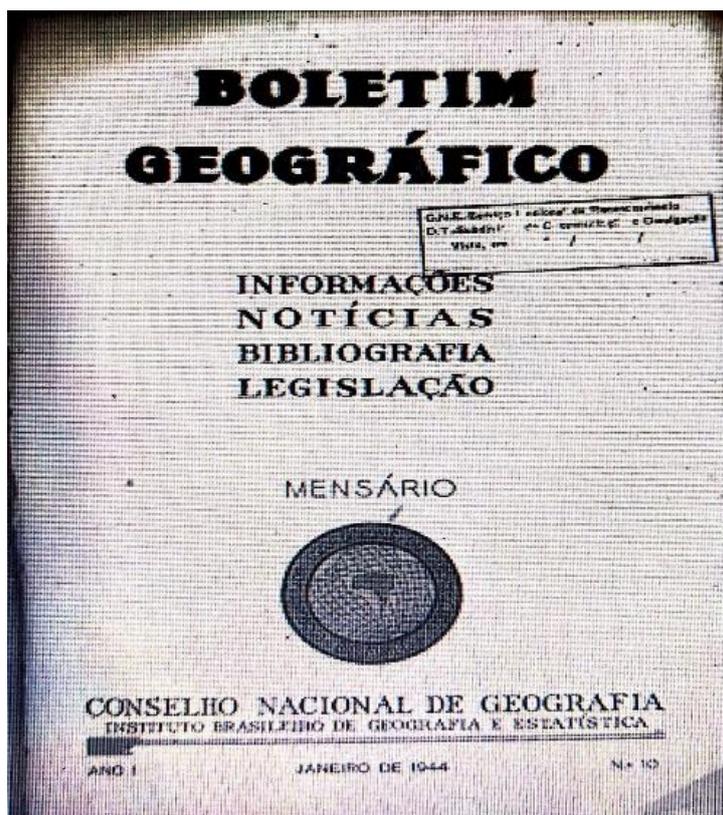
Figura 1: Capa do *Boletim Geográfico* do Conselho Nacional de Geografia (1943).



Fonte: Biblioteca Digital do IBGE.

Diante da imagem exposta, podemos observar a primeira capa do periódico, denominado como *Boletim do Conselho Nacional de Geografia*, que assim circulou durante três meses. Segundo Castro (1943), a decisão foi tomada pela grandeza que o impresso apresentou e prosseguir fazendo a colocação ao CNG, ainda que seja uma publicação do órgão, parecia limitá-lo diante de sua brilhante performance acerca dos resultados da Geografia científica e moderna no Brasil. A partir do 4º número como podemos observar na imagem a seguir, foi modificado e permaneceu apenas *Boletim Geográfico*:

Figura 2: Capa do *Boletim Geográfico* (v. 1, nº 1, 1943).



Fonte: Biblioteca Digital do IBGE, 2023.

Para tanto, suas ações apresentavam questões geográficas que estavam sendo expandidas cientificamente nas universidades e nos institutos de dados e pesquisas. Dessa forma, suas publicações abarcavam temas pertinentes em relação ao desenvolvimento urbano-industrial brasileiro, às descobertas sobre as riquezas naturais, ao ensino de Geografia e o modo como a ascensão da Geografia moderna contribuía com estas evoluções. Posto isto, vale lembrar que “a modernização brasileira na Era Vargas estava imbuída de ideais nacionalistas [...]” (DIAS, 2021, p. 16). Em referência a essas propagações de ideias, o *Boletim Geográfico* era um veículo para espacializar as reformas constituídas pelo governo.

Para a caracterização destes elementos, o *Boletim Geográfico*, em maior parte da década de 1940, contou com o total de 4 seções que evidenciavam suas diversas difusões acerca das publicações no periódico. Segundo Soares (1943), a primeira, denominada Seção Informações, ficou responsável por vulgarizar questões culturais e de organização territorial, a segunda, a Seção Notícias, ficou a cargo de informar o público sobre os fatos instantes, atividades da Geografia em geral e a administração pública no país, a terceira, a seção Bibliografia, configurava-se por exibir apontamentos e contribuições

acerca de mapas para os estudiosos, por fim, a quarta e última, a secção Leis e Resoluções, informava ao leitor as deliberações determinadas pelos aparelhos administrativos.

O *Boletim Geográfico* se manifestava como veículo inovador, neste período de modernização, no qual a Geografia assumiu um papel importante. De acordo com Zarur (1944), este periódico ficou incumbido por disseminar questões de interesse para os cientistas e professores no Brasil e no exterior. Logo, este cenário de exportação permitia o conhecimento dos avanços brasileiros em outros países, tendo em vista que seus artigos revelavam de forma direta e indireta novas estruturas que estavam se delineando nos aspectos políticos e econômicos, de forma geral.

Com o objetivo de instituir a Geografia moderna no âmbito formativo superior, nos institutos de pesquisas e na escola básica, com o auxílio do impresso, o CNG procurou adicionar um espaço, no *Boletim Geográfico*, que integrasse geógrafos de todo o país interessados a contribuir com esse circuito. O secretário geral do CNG, Christovam Leite de Castro, ressalta o apoio “[...] valioso dos interessados nos assuntos geográficos, seus leitores tão numerosos, não só no estímulo do acolhimento, como também no refôrço dos conselhos e sugestões” (BG, nº 13, 1944, p. 3). Isto nos revela de modo acentuado que a abertura concedida a esses intelectuais representa a aliança que estava se firmando na comunidade geográfica, concentrados em trabalhar pelo território brasileiro.

Para tanto, os periódicos se efetivaram como auxiliares potenciais para a apreensão de conhecimento histórico das disciplinas escolares e suas trajetórias, uma vez que “constitui-se em um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador pesquisar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social.” (BASTOS, 2002, p. 173). Apesar de o *Boletim Geográfico* difundir os fatos bem-conceituados da Geografia de maneira geral, suas publicações didático-pedagógicas apresentaram contribuições significativas para estudar as circunstâncias do ensino de Geografia da época.

Aliado a importância de refletir o cenário moderno da Geografia brasileira em desafios e realizações, sua função de possuir uma fração para sinalizar um ensino ativo no âmbito e conteúdos atualizados de Geografia o tornava um periódico expoente. Como afirma Batista (2018, p. 7), referindo-se à colocação didática do *Boletim Geográfico* “do ponto de vista de colocar páginas específicas ao ensino, a inovação foi ainda maior, pois era o único a fazê-lo na maior parte do tempo em que esteve vigente, assim como foi o primeiro a inaugurar tal abordagem”. Isto nos revela o interesse em difundir a Geografia

moderna em sua totalidade como ciência referência e como disciplina escolar, considerando o ensino um fundamento importante neste processo de renovação.

Nesse sentido, o *Boletim Geográfico* nos apresenta de maneira concreta, como o aparelho administrativo governamental instaurava seus objetivos nos aspectos geográficos educacionais, melhor dizendo, “estamos, na maior parte das vezes, perante reflexões muito próximas do acontecimento, que permitem construir uma ligação entre as orientações emanadas do Estado e as práticas efetivas em sala de aula” (NÓVOA, 2002, p. 13). Portanto, nesse cenário de modernização e renovação, a formação do professor de Geografia obteve destaque, especialmente no que diz respeito a uma atuação relevante no ensino secundário, tendo em vista a atribuição concedida à Geografia escolar como disciplina substancial para promover uma atmosfera nacionalista (DIAS, 2021).

Para tal fim, o CNG se prontificou a amparar os professores do curso superior de Geografia, bem como prestar auxílio à educação básica, viabilizando recursos para o desenvolvimento de uma nova Geografia, e o periódico *Boletim Geográfico* foi um deles. Vejamos:

Mais novo, o Bolétim Geográfico mensal, proporciona aos professôres espalhados pelo país [...], informes que dificilmente obteriam de outra fonte. De mais a mais, a Divisão de Geografia atende prontamente às consultas que lhe são dirigidas, assim como a Secção Cultural o faz quanto aos professôres de ensino secundário, desejo-os de aperfeiçoar os seus conhecimentos. (BG, nº 96, 1951, p. 1388).

Como um periódico originado pelo órgão interno do IBGE, Camargo (2009) afirma que o *Boletim Geográfico* se introduzia nesse círculo de evidenciar a Geografia moderna nas universidades e escolas, fornecendo diversos fatores teóricos-metodológicos visando o progresso educacional. No que se refere a formação dos professores de Geografia, foram disseminados diversos elementos no formato de cursos, tertúlias semanais e mensais, além de prescrições metodológicas escritas em sua maioria por Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig, que se destacam para assegurar uma construção profícua na docência em Geografia. Nesse sentido, Biccas (2008, p. 24) destaca:

[...] o periódico por sua agilidade de produção e circulação, conseguiria captar aspectos do cotidiano pedagógico, quase no mesmo tempo em que as informações, os embates e as mudanças, nas políticas educacionais estavam acontecendo.

Perante o exposto, fundamentalmente por este periódico circular, a princípio mensalmente, constata-se como as preconizações para o ensino superior e secundário de Geografia se transformavam através de práticas pedagógicas que iam se estabelecendo,

antes e durante os momentos de efervescência política. Para tanto, o *Boletim Geográfico* “[...] seguia prescrevendo determinadas práticas, valores e normas de conduta, construindo e elaborando a representação social” (BASTOS, 2002, p.173). Portanto, ressaltamos que o estímulo à criticidade, ao censo do complexo e ao sentimento nacionalista, esteve presente em todas as prescrições, corroborando com o período de inserção do Brasil nos prismas de modernização, objetivando criar uma nova mentalidade social alinhada ao progresso econômico e cultural.

Para tanto, no tópico a seguir, destacaremos as figuras dos professores e pesquisadores franceses Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig, que foram expoentes na construção da Geografia científica brasileira e grandes contribuintes no ensino de Geografia através das publicações do periódico *Boletim Geográfico* na década de 1940.

2.3 A IMPORTÂNCIA DE DELGADO DE CARVALHO E PIERRE MONBEIG NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

A construção da Geografia brasileira possui uma estrita vinculação com a Escola Francesa de Geografia, tendo como marca permanente grandes geógrafos franceses que foram basilares para essa organização a exemplo dos pesquisadores e professores Pierre Deffontaines, Francis Ruellan, Henri Hauser, Victor Tapié, entre outros. Isto porque “esses professores fizeram escola, ajudando a constituir as instituições brasileiras e a formar as primeiras gerações de geógrafos nacionais.” (BERDOULAY, 2008, p. 10). O objetivo era contribuir com a ascensão e o embasamento da Geografia moderna no Brasil em prismas veementemente científicos, buscando atingir um colossal número de pesquisas regionais e um ensino pátrio.

A matriz geográfica francesa cristalizou seus referenciais teóricos-metodológicos nas instituições brasileiras, fornecendo sua base de estudos tanto na Geografia humana quanto na Geografia física. Segundo Alves (2012), visando desvendar as paisagens brasileiras, o geógrafo sob a base metodológica francesa apresentava quatro particularidades na pesquisa, caracterizando-se na busca da síntese pela observação, a reação do homem ao meio, a preocupação com as formas de habitação e a associação com a história.

Dentre os geógrafos franceses que foram fundamentais na institucionalização da Geografia moderna brasileira e que consolidaram seus nomes através de contribuições para as universidades, institutos de dados e pesquisas e escolas, destacamos os professores

e pesquisadores Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig, duas figuras influentes na trajetória geográfica do Brasil, para a qual trouxeram traços fortes de sua formação francesa. Para Menezes (2006), o contato e a permanência com a realidade de um país que estava em processo de ingressar na modernização, desenhou para estes geógrafos uma Geografia singular que deveria ser aplicada no Brasil, mesmo com influências externas.

Geógrafo francês, Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884 – 1990), nasceu em Paris, mas sua história com o Brasil inicia aos seus 23 anos de idade, quando conheceu o país por intermédio de seus pais brasileiros. Dessa forma, Delgado de Carvalho, durante seu compromisso científico com o Brasil, exerceu uma atuação [...] no campo de poder da Geografia, sua institucionalização, exercício de prática, divulgação e ensino e, principalmente, sua inserção na estrutura institucional do Estado brasileiro (MENEZES, 2006. p. 1). Portanto, sua significância geográfica é encarada como profícua por atuar fortemente no progresso da Geografia como ciência referência e como disciplina escolar. Albuquerque (2011, p. 23), ressalta sobre sua trajetória:

Nos anos 1920 retornou ao Brasil, quando ingressou no Colégio D. Pedro II como lente⁷ de Inglês. Posteriormente assumiu a cadeira de Geografia e, com a criação da disciplina sociologia, assumiu mais uma atividade nesta instituição. No âmbito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no ano de 1926, foi mentor e organizador do Curso Livre Superior em Geografia, que se destinava a atualização de professores do ensino primário, e tinha como meta trazer inovações para a abordagem dos conteúdos e da metodologia para esse nível de ensino. No ano de 1930, Delgado de Carvalho assumiu a direção do Colégio Pedro II. [...] Ainda na década de 1930 tornou-se o primeiro diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais, permanecendo no cargo até 1935.

Depois de assumir a direção do Colégio Pedro II, as obras de Delgado ganharam ainda mais visibilidade, a exemplo da obra *Geografia Regional do Brasil* (1913), adotada como livro fundamental sobre o país pelo colégio supracitado. Além disso, escreveu artigos valiosos para o periódico *Boletim Geográfico* e outros impressos geográficos e educacionais, que contribuíram significativamente na formação do professor de Geografia, juntamente com seu trabalho referência, *Methodologia do Ensino Geográfico*, publicada em 1925, considerado como o livro de mais relevância na Geografia do Brasil da primeira metade do século XX.

Vale salientar que as inúmeras obras de Delgado de Carvalho contribuíam não só acerca do conhecimento territorial brasileiro, mas auxiliavam o professor na abordagem da Geografia brasileira. Para Mello e Cuani Júnior (2019, p. 7) “Delgado de Carvalho também tinha princípios morais aliados ao que o Estado ambicionava, que era o de caráter

patriota e nacionalista, e que também via na Geografia uma ciência com um grande potencial para aplicar esses ensinamentos”. Nesse sentido, enxergava a ausência de pesquisas regionais e livros didáticos de caráter brasileiro como um dos grandes obstáculos para o ensino de Geografia, aliado ao despreparo daqueles que atuavam em sala de aula. Carvalho (1925, p. 21) destaca:

As gerações se vingam umas nas outras. Abrem-se livros estrangeiros bem feitos, lêem-se páginas inteligentes, mas quando chega o momento de aplicar o progresso verificado, fecham-se os livros e concluem-se: “tudo isto está muito bem, mas aqui é diferente” “por que?” E diante deste raciocínio não há nada a fazer, porque a própria modificação dos programas desperta a indignação dos “Paes de alumnos” que procuram debicar, nos corredores das salas de exames, a supressão das listas mnemotechnicas que elles não sabem porque não lhes foram ensinadas. São, pois, os mais fortes sustentaculos da rotina.

Delgado de Carvalho (Figura 3) caracterizou sua importância na ascensão do ensino da Geografia moderna ainda quando não existiam cursos superiores ofertados para a formação do professorado de Geografia. Frente a esse cenário, pessoas sem qualificação mínima para exercer a função docente lecionavam a disciplina, apenas por possuir aptidões memorialistas. (ALBUQUERQUE, 2011). Para amenizar os impactos negativos de um ensino de Geografia mnemônico em sua totalidade e europeizado, Delgado buscou aprovisionar recursos metodológicos para estes “professores”, no formato de cursos de aperfeiçoamento, preleções em rádios e instituições, além de suas obras que se configuraram como manual para ensinar Geografia.

Figura 3: Delgado de Carvalho

Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia.

Com a sua permanência no Brasil, Delgado de Carvalho passou a conceituar fortemente análises que manifestavam a ligação entre fatores humanos e físicos na Geografia. Estas análises em seus projetos científicos geraram intensa influência em seus estudos sobre o ensino de Geografia no Brasil. Logo, “pode-se mesmo dizer, sem risco de controvérsia, que a geografia e o seu ensino no Brasil possuem duas fases bem distintas: antes e depois de Delgado de Carvalho” (BG, nº 13, 1944, p. 58). Sua luta constante era combater o tradicionalismo acentuado que permeava o ensino de Geografia no Brasil e, para isso, ele compreendia que mudanças estruturais precisavam ocorrer. Menezes (2006, p. 2) aponta:

O auge de sua contribuição ao ensino da Geografia está no período do primeiro governo de Getúlio Vargas quando participou da criação do CNG (1937), do IBGE (1938) e da Universidade do Brasil (1937), onde foi professor da Faculdade de Filosofia e responsável pela cátedra de História Moderna e Contemporânea do Departamento de História até sua aposentadoria por idade no ano de 1954.

A atuação de Delgado de Carvalho na criação dos órgãos supracitados ocorreu de maneira positiva, tendo em vista que o mesmo acreditava no progresso da Geografia escolar em função do apoio científico destes aparelhos governamentais. Posto isto, não

só Delgado como outros intelectuais “[...] passaram a manter uma relação estreita com os debates que ocorreriam na academia assim como também alguns deles passaram a influenciar diretamente a elaboração de currículos e a trabalhar com a formação de professores” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 24). O ensino de Geografia no Brasil possuía diversos problemas, que perpassavam os objetivos educacionais, currículos, recursos didáticos e questões metodológicas, os quais Delgado de Carvalho buscou suprimir.

Pierre Monbeig (1908 – 1987), nascido na França, estabeleceu fortes laços com o Brasil ao ser convidado para conduzir a disciplina de Geografia Física e Humana, em 1935, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - USP, até então lecionada pelo renomado professor, também francês, Pierre Deffontaines. Assim como Delgado de Carvalho, o professor e pesquisador Pierre Monbeig foi um dos precursores da Geografia científica do Brasil, sendo considerado “um professor diferenciado que marcou o destino cultural de toda uma geração” (AB’SABER, 1994, p.1). Conseqüentemente, suas realizações no cenário geográfico sustentam até os dias de hoje sua importância para a Geografia brasileira. O professor Manuel Correia de Andrade ressalta:

Não podendo regressar à Europa em consequência da Segunda Guerra Mundial, aqui permaneceu até 1946, ministrando cursos, dirigindo associações científicas, como a Associação dos Geógrafos Brasileiros, de que foi presidente durante 12 anos, de 1935 a 1947, participando de seminários, congressos e reuniões científicas, assistindo e apoiando o Conselho Nacional de Geografia, criado em 1939, etc.[...] Profundamente Interessado pelo país em que vivia, muito viajou pelo seu território, realizando pesquisas de campo, que tanto valorizava, e muito publicou a respeito de suas características e de sua estrutura espacial. Daí a grande contribuição bibliográfica que deu à geografia e à cultura brasileira (BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA, 1994, n° 72, p. 65).

Além dessas participações em órgãos e associações científicas, Pierre Monbeig (Figura 4) conseguiu constituir diversos trabalhos importantes para a Geografia brasileira, a exemplo de sua tese de doutoramento, defendida no seu retorno à França, em 1947, intitulada *Pioneiros e Fazendeiros da Cidade de São Paulo*. Nesse sentido, “Monbeig também é considerado um dos pioneiros dos estudos de Geografia Urbana no Brasil” (CASSAB, 2011, p. 2). Para tanto, o professor Monbeig nunca negou, até o fim de seus dias, que sua vinda ao Brasil estava firmada no desejo de conseguir recursos financeiros para desenvolver seu trabalho de tese de Estado, sobre as Baleares, na Espanha, no entanto seu contato com um país em desenvolvimento urbano e rural redefiniu seus objetivos geográficos (AB’SABER, 1994).

Figura 4: Pierre Monbeig.



Fonte: Open Editions Journal.

Como professor universitário, Monbeig possuía muitas preocupações, essencialmente no campo de desinformação e desconhecimento do território brasileiro por partes dos graduandos em Geografia. Conforme Ab' Saber (1994), Pierre Monbeig priorizou as excursões geográficas, desde o primeiro dia de aula no curso superior, principiando a percepção paisagística. Outra forte recomendação para os seus alunos demandava leitura de jornais e revistas, com o objetivo de elevar o grau de conhecimento do seu alunado. O assistente coordenador de Geografia do CNG, Fábio de Macedo Soares Guimarães pontua:

Atualmente são os professores Pierre Monbeig e Francis Ruellan, aquele em São-Paulo e este na Capital Federal, que continuam a tradição da influência dos geógrafos franceses em nosso ensino universitário. Com eles procura o Conselho manter constante cooperação. Muitas têm sido as excursões de estudos geográficos a diversas regiões do país, empreendidas conjuntamente por alunos da Faculdade Nacional de Filosofia e por funcionários do Conselho (BG, 1949, nº 72, p. 65).

A chegada de Pierre Monbeig no Brasil apontava transformações intensas no cenário geográfico do país, a fim de promover práticas academicistas modernas, indo de encontro ao âmbito escolar. Incansável, buscou extinguir os estudos que se caracterizava insuficientes para o progresso nacional. Para ele, era “[...] necessário iniciar-se por

trabalhos analíticos sobre temas reais, percebidos no teatro geográfico das atividades humanas, quer no mundo Rural quer no mundo Urbano” (AB’SABER, 1994, p. 6). Um de seus objetivos era ascender nos jovens geógrafos a grandiosidade de aspirar a compreensão de sua pátria, viabilizando a contribuição territorial do Brasil.

Em vista disso, sua posição de desempenho ativo no CNG proporcionou grande aporte para suas realizações científicas e de seus discípulos, garantindo novas descobertas imprescindíveis sobre o desenvolvimento no Brasil. Logo, Veríssimo (1943) destaca que tudo estava por se fazer nas terras brasileiras, necessitando urgentemente de pesquisas regionais que cumprissem seu dever nacional de auxiliar no processo de territorialidade. Nesse sentido, a figura de Pierre Monbeig se fortalecia substancialmente nos âmbitos científicos, nos quais estabelecia relações muito profícuas.

O professor Pierre Monbeig evidenciava constantemente a relevância dos estudos de descrições paisagísticas, considerando as transformações locais operadas pelas ações humanas, uma vez que creditava a Geografia “[...] estudar a realidade como sendo uma totalidade complexa” (CASSAB, 2011, p. 1). Este cenário era transportado para as salas de aula, objetivando originar análises geográficas mais complexas por parte dos alunos, visando produções da Geografia regional. Para tanto, Ab’Saber (1994) destaca que Monbeig solicitava estudos múltiplos em razão das subáreas da região de São Paulo e seus arredores, viabilizando a compreensão sublinhada das origens de determinados fenômenos e da participação humana.

No que se refere ao ensino de Geografia, assim como Delgado de Carvalho, Pierre Monbeig se debruçou sobre o ensino secundário, preocupando-se intensamente com a formação dos que iriam exercer a prática de ensino. Para Monbeig “o ensino vivo e prático de Geografia não pode ser feito senão por um professor que recebeu não somente a preparação pedagógica necessária como também a preparação científica e técnica adequada.” (BG, 1944, nº 14, p. 8). As questões técnicas-científicas teriam que estar interconectadas, uma vez que o conhecimento raso sobre a Geografia configuraria um ensino enfraquecido, fadado ao uso intensivo do livro didático, não reconhecendo mapas, fotografias e outros utensílios que auxiliem o desenvolvimento intelectual do aluno.

Pierre Monbeig insistia significativamente na qualificação dos cursos superiores de Geografia, tendo em vista que o objetivo “está longe de ser exclusivamente a formação de pesquisadores profissionais, mas também a de professôres destinados ao ensino secundário” (BG, 1944, nº 11, p. 8). Monbeig acreditava que um professor de Geografia só estaria preparado para exercer sua função quando atingisse um nível de experiência em

trabalhos científicos, utilizando esse conhecimento obtido na trajetória de pesquisa na aplicação dos conteúdos em sala de aula. Outro ponto se configura em compreender a importância da Geografia no desenvolvimento crítico e patriótico do alunado, tornando indispensável o contato com a natureza através das excursões geográficas.

Para concretizar a Geografia moderna, no âmbito escolar, por efeito de seus alunos do curso superior, Monbeig investiu consideravelmente em artigos publicados em jornais e periódicos, participou ativamente de cursos intensivos com grandes preleções sobre a renovação pedagógica e práticas metodológicas, bem como atuou em instituições que direcionavam questões geográficas de caráter nacional.

Sua conduta como professor e pesquisador ficou marcada, relembra o mestre, então, um de seus discípulos, “difícil lembrar a figura do bom, seguro e inteligente mestre que adotou o Brasil como sua segunda Pátria até o fim de seus dias” (AB’SABER, 1994, p. 1). Sendo assim, Pierre Monbeig é lembrado por sua postura eminentemente humana e intelectual que aspirava combater uma Geografia indiferente a própria realidade geográfica que está a todo momento circundando o ser humano.

3. METODOLOGIA

A nossa pesquisa principia a investigação do periódico *Boletim Geográfico* (BG) seguindo o recorte temporal de 1943 a 1949, pretendendo compreender como este veículo de informação contribuiu para a formação do professor de Geografia, no nível escolar secundário, essencialmente através dos escritos de Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig, num momento efervescente de uma reconfiguração da Geografia científica no Brasil.

Para fins da reflexão proposta para este início de trabalho, concordamos com Luca (1999) ao afirmar que publicações periódicas fornecem ao pesquisador oportunidades de captar os temas considerados importantes de determinada época. É nesse cenário que a pesquisa historiográfica (História da Geografia escolar) nos revela objetivos e narrativas ideológicas empreendidas sobre o corpo docente, através das práticas pedagógicas difundidas.

A respeito do plano metodológico, Cellard (2008) faz consideráveis apontamentos sobre a análise documental, afirmando que o método de coleta de dados diretamente na fonte, elimina, em parte, a eventualidade de influência pela presença ou intervenção de outros pesquisadores. Portanto, ao pesquisador efetivado em uma investigação ligada a análise de periódicos, é fornecido um quadro intrínseco de olhares externos, possuindo somente a interação com os autores integrados no documento.

Para tanto, Cellard (2008) ainda ressalta que a ideia acerca de documentos estava conectada ao que se considera arquivos oficiais, entretanto este pensamento foi se modificando, tomando um sentido profuso. Sobre a diferença entre pesquisa documental e bibliográfica, Junior *et. al.* (2021, p. 42) elucida:

A pesquisa documental não pode e nem deve ser confundida com pesquisa bibliográfica. A utilização do documento nesses dois tipos de pesquisa faz com que elas sejam vistas como iguais, no entanto, elas se divergem quanto à fonte dos documentos, pois a pesquisa bibliográfica tem como foco documentos já com tratamento analítico, na maior parte das vezes publicadas na forma de livros ou artigos.

Posto isto, empregaremos a metodologia qualitativa, apontada como sustentação para a pesquisa em educação, sendo assim, enfatizamos que as pesquisas “com apoio na perspectiva histórica” (GATTI e ANDRÉ, 2010, p. 35) tem se ampliado de forma significativa nacionalmente. Nesse sentido, sobrelevamos a importância da investigação

acerca da educação geográfica neste panorama historiográfico, considerando a elucidação sobre a Geografia escolar e os processos formativos.

A escolha do recorte temporal (1943-1949) se dá pelo momento de efervescência instalado no Brasil devido o período ditatorial Estado Novo, que provocou inúmeras transformações nos setores sociais, essencialmente na educação, imputando novos desafios ao ensino de Geografia. Nesse sentido, escolhemos Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig por suas importantes participações na implantação da Geografia moderna no Brasil, como ciência referência e disciplina escolar.

Diante do exposto, intencionando expandir nossa argumentação e alcançar os objetivos propostos para o desenrolar desta pesquisa, percorremos o seguinte itinerário metodológico: em um primeiro momento, um levantamento bibliográfico, seguido de leituras e fichamento da literatura (livros, teses, dissertações, artigos e monografias) que dialogam com o tema e forneceram orientação à pesquisa.

Para além, efetuamos consultas no periódico *Boletim Geográfico* através do banco de dados da Biblioteca Digital do IBGE (<https://biblioteca.ibge.gov.br>) para catalogar os artigos assinados pelos professores Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig referente aos anos de 1943 a 1950. Em gabinete, realizamos leituras meticolosas da fonte em busca de informações que alicerçassem nossa temática e desenvolvessem nossas análises. Por fim, deu-se a sistematização das análises e dados coletados.

Ao analisar o material em questão, principalmente os escritos dos nossos autores, compreendemos a relevância formativa do professorado de Geografia no período estudado, inculcados de disseminar, através do processo de ensino e aprendizagem, uma cultura fortemente nacionalista, viabilizando, assim, conteúdos de relevo sobre as terras brasileiras. Para obter tais informações, foi efetuado um levantamento de 27 artigos do impresso Ibegeano, sendo 15 assinados por Delgado de Carvalho e 11 por Pierre Monbeig.

4. A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA FRANCESA NO ENSINO SECUNDÁRIO E AS PRESCRIÇÕES METODOLÓGICAS DOS PROFESSORES GEÓGRAFOS DELGADO DE CARVALHO E PIERRE MONBEIG

Neste capítulo, discutiremos a Geografia francesa como elemento influente nos objetivos definidos no nível escolar secundário, além de destacar concepções elaboradas para redefinir a cultura brasileira a partir do ensino de Geografia. Para tanto, analisaremos também as preconizações realizadas pelos geógrafos franceses Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig mediante o periódico *Boletim Geográfico*.

4.1 A GEOGRAFIA FRANCESA E O ENSINO SECUNDÁRIO

Tendo como expoente Paul Vidal de La Blache no fim do século XIX e no início do século XX, a escola francesa de Geografia conquistou seu lugar de prestígio no campo dos estudos geográficos, atribuindo outros padrões e métodos científicos a serem trabalhados. Sua formação se situa entre o período da guerra Franco-Prussiana (1870 – 1871) e a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), que configuraram a Terceira República, demandando uma retificação das origens ideológicas da vida social (BERDOULAY, 2008). Para tanto, esta nova composição conferida à Geografia declinava ideais que desconsideravam o efeito das ações humanas sobre as condições naturais, enfatizando a autodeterminação da sociedade.

Entre tantos geógrafos que foram substanciais para a formação matriz do pensamento geográfico brasileiro e mundial, destacamos aqui os geógrafos franceses Élisée Reclus e Paul Vidal de La Blache, considerados primordiais ao mencionar a Geografia moderna, mesmo que debruçados em aspectos geográficos distintos. Para Moreira (2010), Reclus e Vidal de La Blache, dividem o mesmo momento histórico, pondo em seus livros temas comuns da época. No entanto, Reclus releva uma Geografia de caráter mais social e político, enquanto Vidal de La Blache acentua uma visão geográfica mais “neutra”, a qual se instituiu intelectualmente como modelo acadêmico, inclusive no Brasil.

A escola francesa de Geografia possui intensa atuação na sistematização e no encaminhamento da Geografia brasileira como ciência referência, considerando o papel pragmático no alinhamento dos cursos superiores, institutos de pesquisas e associações. O compromisso geográfico da França com o Brasil, iniciou-se ainda em território francês,

como assinala Ferreira (2005, p. 227), “a presença francesa no universo cultural brasileiro manifestou-se de maneira consistente desde o início do século XIX, por intermédio de missões científicas e culturais, de escolas religiosas e da Aliança Francesa, criada em 1896.” Diante desses processos construtivos e a realização dos intercâmbios, o pensamento geográfico brasileiro começava a se delinear cientificamente.

Os intercâmbios oferecidos pelos institutos franceses pretendiam organizar os estudos geográficos e coordená-los com base no método regional de Paul Vidal de La Blache, oferecendo a “estudantes e técnicos brasileiros bôlsas de estudos em suas principais Universidades [...] em Sorbonne, Strasbourg, Lyon e Grenoble onde farão cursos especializados de Geografia.” (BG, 1947, n.º.46, p. 1264). O objetivo era oportunizar mecanismos para que os geógrafos brasileiros realizassem pós-graduações, regressando ao seu país, como especialistas e notáveis pesquisadores, sobretudo por considerar extremamente maléfica a enfática ausência de informações territoriais no Brasil.

A “Revolução de 1930”, como é conhecida habitualmente, resultou em mudanças expressivas acerca dos parâmetros políticos, econômicos e sociais (DIAS, 2021). Com o presidente Getúlio Vargas no poder e a instauração de um projeto urbano-industrial, havia a necessidade de “[...] uma sociedade que progressivamente se industrializava com uma concentração cada vez mais ampla da população nos centros urbanos, promoveu exigências cada vez maiores em relação à educação.” (CACETE, 2017, p. 21). Nesse sentido, novos propósitos educacionais foram estabelecidos para garantir condutas cidadãs alinhadas aos interesses governamentais da época, sobrelevando transformações nos níveis e nas disciplinas escolares.

Com a consolidação do processo de modernização econômico no Brasil, novas condições educativas foram requisitadas para o ensino primário e secundário, definindo objetivos diferentes entre os níveis escolares, visando originar um corpo social programado para atuar em direções de acordo com as classes sociais. Para Souza (2008), a centralidade concedida pelos republicanos à educação, no período transicional do século XIX para o XX, havia sido imbuído de ideais neoliberais baseado no funcionamento das instituições internacionais de grande potência, legitimando uma educação direcionada ao povo de modo geral e a educação da elite. Diante disso, Souza (2008, p. 19) destaca:

A escola primária, destinada à maioria da população, deveria fundir os saberes elementares e os rudimentos das ciências físicas, naturais e sociais, enquanto a

escola secundária, atendendo as elites dirigentes e a classe média em ascensão permaneceria como a guardiã da cultura geral de caráter humanista.

Após a Revolução Francesa, o ensino secundário começou a se desenrolar pela França, caracterizando-se como nível superior ao primário e inferior às escolas centrais dos liceus de Napoleão e aos colégios de níveis intermediários, e em 1803 já constavam 250 escolas secundárias (CHERVEL, 1992). O ensino secundário se manteve firme na estrutura escolar, promovendo sua ascensão no território francês e redefinindo seus objetivos com a sociedade, principalmente em relação à aristocracia. Em vista disso, podemos afirmar que esta configuração de escolarização foi especialmente transportada para o Brasil, através da conexão estabelecida entre os dois países, desde o século XIX.

No Brasil, até o ato adicional de 1834, não existia ensino secundário promovido pela União, no entanto, mesmo com o surgimento deste nível escolar no império, a desorganização social prevaleceu por falta da sistematização educacional. (MASSUNAGA, 1997). Nesse período, o Colégio Pedro II foi instaurado para servir como modelo educacional às outras instituições escolares existentes, contribuindo com os objetivos políticos elitizados da época. A partir disso, o ensino secundário passou por diversas mudanças através de reformas que pretendiam oportunizar um ensino mais amplo e coletivizado.

A Reforma Francisco Campos, viabilizada já numa atmosfera de grandes transformações em 1932, determinou a modernização do ensino secundário, conferindo meios de organização, através de sua divisão em dois ciclos, seriação de currículo, sistema de inspeção federal e outros (DALLABRIDA, 2009). Com a efetivação destes aspectos importantes para o ensino secundário, a Reforma Campos conseguiu assinalar uma nova configuração de escolarização para este nível escolar, desobstruindo uma cultura obsoleta acerca do ensino.

Com a Reforma Capanema estabelecida na década de 1940, o nível escolar secundário foi definido para orientar a formação do alunado de poder aquisitivo e, para isso, “[...] os estudos de química, física e biologia foram reduzidos e substituídos por estudos históricos e geográficos” (BARROS, 2000, p.98). Nesse espectro, a mudança do currículo fazia parte do projeto político de regeneração social, e estas disciplinas escolares se configuravam como basilares na concretização de um novo padrão brasileiro.

No ensino secundário francês a Geografia deveria se tornar, efetivamente, o signo do ensino moderno frente ao ensino tradicional (BERDOULAY, 2008). A consistência da Geografia francesa no processo de escolarização para o projeto de possuir jovens

patriotas, conhecedores do jogo geopolítico e da economia moderna, fazia-se necessária, assim assumindo o progresso social. No Brasil, esses ideais foram aplicados a partir da década de 1930, na qual a Geografia moderna ganha espaço aliada aos ideais escolanovistas promovidos em busca de uma sociedade mais democrática. Dentre algumas problemáticas existentes, o professor Sternberg (BG, nº 62, 1948, p. 169) destaca o ensino da Geografia inteiramente tradicional como um dos principais embaraços:

Na escola rotineira, o agente ativo, que transmite a experiência, é o professor; o papel passivo dêsse binário desalentador é reservado ao aluno - nos casos extremos, simples recipiente em que se vertem os conhecimentos do mestreescola. Êstes, de tão repetidos, já se apresentam desvestidos de qualquer força motivadora de que, inicialmente, fôssem portadores. No setor da geografia, são rios e afluentes, cabos e baías, serras e limites - que se avolumam, desconexos, em inexorável e turvo caudal, a afogar, de um golpe, o pensamento reflexivo do aluno e seu gosto pela matéria.

Para oportunizar a inserção de princípios educativos e reflexivos nos jovens cidadãos, o ensino de Geografia deveria se configurar aos desígnios de uma aprendizagem dinâmica e ajustada a realidade, em virtude de fomentar o interesse pelos novos primas econômicos e culturais que se consolidavam nas terras brasileiras. Nessa perspectiva, Dias e Dias (2023) acentuam que a Geografia como disciplina escolar estava prontificada para construir o projeto de uma nação moderna e industrial. No entanto, esse cenário só poderia ser realizado se o corpo docente estivesse adentrado neste movimento educacional ligado ao escolanovismo, procurando engendrar novas práticas no cotidiano escolar.

É nesse quadro de busca por renovações no ensino de Geografia como um todo, que iremos analisar a trajetória dos professores e pesquisadores no periódico *Boletim Geográfico*, Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig, que se dedicaram para obter as transformações necessárias no processo de ensino e aprendizagem para inserir a Geografia moderna nas salas de aula.

4.2 DELGADO DE CARVALHO: RECORTES TEMÁTICOS E PRESCRIÇÕES METODOLÓGICAS

O professor Delgado de Carvalho se utilizou da mesma estratégia epistemológica empregada por Vidal de La Blache, quando definiu seu objeto como região e seu método como síntese regional, congregando elementos naturais e culturais, estabelecendo a relação homem-meio em seus estudos geográficos (PEREIRA; ZUSMAN, 2000). Nesta

perspectiva, o autor em tela conseguiu transportar a chamada Geografia regional em seus escritos direcionados aos professores de Geografia, tanto em formato de prescrição metodológica, bem como em resultados de suas pesquisas destinadas ao público em geral.

As finalidades propostas por Delgado de Carvalho sobre o ensino de Geografia para o nível secundário no Brasil relacionavam-se compostamente com as aspirações de um país urbano-industrial colocadas pelo aparelho administrativo governamental, em face de alcançar aspectos modernos e disciplinares. Para tanto, a Geografia como ciência e disciplina escolar “[...] apresenta variados e amplos registros da sua utilidade instrumental para construir mentalidades nacionais ou regionais ou públicas” (BARROS, 2008, p. 324). Evidentemente, são aspectos que podem ser percebidos nos artigos publicados pelo autor no periódico *Boletim Geográfico*, impresso modelo da renovação brasileira.

A trajetória do professor Delgado de Carvalho, no impresso Ibegeano, durante sua primeira década de circulação, é considerada expressiva, em termos de qualidade e quantidade, uma vez que engloba diversas questões físicas e humanas, atentando-se para a viabilização da Geografia moderna no Brasil. Sua posição de professor renomado da Faculdade Nacional de Filosofia e membro do Diretório Central do CNG durante esse período, como era colocado abaixo de sua identificação nos artigos, impulsionava notadamente sua presença como escritor deste periódico. Ao todo foram 15 artigos assinados desde 1943 até 1949, que se distribuíram pelas seções de contribuição didática, comentário e transcrição. Observemos suas temáticas e divisões:

Quadro 1: Sistematização dos artigos publicados no Boletim Geográfico por Delgado de Carvalho.

Artigos	Seções	Ano
Geografia e Estatística	Transcrições	1943
Geografia das Línguas	Contribuição didática	1943
A orientação Moderna	Transcrições	1944
O ensino da Geografia no curso de Humanidades	Transcrições	1944
As regiões naturais máximas	Comentário	1944
Uma concepção da Geografia Moderna: a Região Natural	Transcrições	1944
A exposição geográfica	Comentário	1944
As três características do estudo geográfico	Comentário	1945
O sentido geográfico	Comentário	1945
Os dados morfológicos preliminares	Comentário	1945

Compêndios e ilustrações	Comentário	1945
O estudo da paisagem	Comentário	1945
Evolução da geografia humana	Transcrições	1945
As unidades de trabalho e suas aplicações práticas	Transcrições	1947
As excursões geográficas	Comentário	1948
Pródomos de um parque industrial no Brasil	Contribuição ao ensino	1949

Fonte: Elaborado pela autora a partir do *Boletim Geográfico* (1943 – 1950), 2023.

A partir do quadro exposto, identificamos que mesmo seus escritos voltados às práticas pedagógicas se concentraram maioritariamente na seção Comentário, exibindo 7 artigos, seguido por 6 artigos assinados na seção Transcrição e apenas 2 na fração Contribuição ao Ensino. Vale ressaltar que alguns escritos não visam delinear o processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar, no entanto espelham o conhecimento científico viabilizado para o acultramento do professorado, requerido pelo autor e de préstimo ao governo.

Em vista disso, Carvalho inicia seu erudito percurso no impresso com o artigo intitulado *Geografia e Estatística*, no qual posiciona o geógrafo num palco diferente de outros cientistas. Melhor dizendo, “comparado aos seus colegas das ciências sociais, êle é um filósofo, no sentido menos equívoco da palavra. Nada de paixões políticas, nada de doutrinas a defender, nada de teses que envolvam os que não desejam ser envolvidos” (BG, nº 2, 1943, p. 9). A partir dessa menção, compreendemos que o autor pretende transportar convicções de neutralidade para o campo geográfico, visando à construção de um trabalho intrínseco, sem posturas ideológicas a apresentar, seja na sala de aula, seja em setores de pesquisa.

O professor de Geografia destinado ao ensino secundário deveria estar atento às dinâmicas dos fenômenos naturais e sociais, habilitando-se também como pesquisador, conforme solicitava a orientação moderna da Geografia. Ainda no artigo *Geografia e Estatística*, Delgado de Carvalho enfatiza a importância do saber estatístico para obter precisão nas análises dos fatos, portanto, ressalta “os algarismos vão me dizer, por exemplo, que a zona sertaneja do Ceará representa a parte mais povoada do Estado, apesar de ser mais fraca a sua densidade, e que a zona serrana é mais densamente povoada do que o próprio litoral” (BG, nº 2, 1943, p. 9). Para tanto, Carvalho destaca, no artigo *Orientação moderna*, que a possibilidade de ciências naturais e sociais se cruzarem, representam a Geografia, tornando-a científica e ampla em seus estudos.

O texto *Geografia das Línguas* apresenta um panorama geral dos idiomas mais utilizados no mundo, em virtude de auxiliar o estudo das expressões culturais e a distribuição geográfica pelo espaço. O autor demonstra a importância de intensificar tal estudo na Geografia Humana, para ampliar o conhecimento docente sobre o passado e o presente. Segundo Carvalho (1943), num país como o Brasil, em que todos os processos em evidência já foram analisados nos países já industrializados, torna-se mais urgente e propício o estudo da Geografia das línguas do que propriamente o estudo de religiões.

Diante do contexto de renovação nos procedimentos teórico-metodológicos, Delgado de Carvalho se debruça expressivamente no conceito de Região Natural, elucidando uma Geografia explicativa em detrimento de uma puramente descritiva (GIROTTI, 2016). Para tanto, os artigos *Região Natural Máxima* e *Uma concepção da Geografia Moderna: a Região Natural* nos demonstram a importância da aplicação de uma análise regional, considerando os fenômenos da natureza a partir de um estudo que consiga classificar as diferenças entre as federações. A ausência de análises sobre a dinâmica da natureza brasileira caracterizava problemas não só na investigação destes aspectos para os pesquisadores, bem como no ensino da disciplina escolar. Vejamos:

O ensino da geografia pátria é, entretanto, um dever de inteligência e de patriotismo. Aos nossos jovens patrícios não devemos apresentar a geografia do Brasil como uma disciplina austera e ingrata ao estudo. Por meio de bons mapas, de gráficos, de perfis, de diagramas, de fotografias, se fôr possível, torná-la fácil e cativante. É pelo conhecimento do país, pela consciência de suas forças vivas que podemos chegar a apreciá-lo no seu justo valor. (BG, nº 13, 1944, p. 16).

Em vista disso, o conhecimento integrado das terras brasileiras importava como base para originar o patriotismo nos jovens cidadãos, através da valorização territorial aliado ao reconhecimento de uma boa vivência social. A partir dessas colocações, Barros (2008, p.14) afirma que Delgado de Carvalho “[...] praticou o padrão de Geografia que pode ser entendido como auxiliar na educação liberal”. Delgado não pretendia formar apenas divisões regionais de acordo com os parâmetros brasileiros, mas formar uma sociedade honrosa, de mentalidade renovada. Para o funcionamento destes mecanismos, tornava-se inerente transformar a conduta do professorado, assim, dispõe o escrito *O ensino da Geografia no curso de Humanidades*, no qual sinaliza a Geografia pátria como principal finalidade no ensino. Segundo o autor:

Para a implantação da nova geografia entre nós, não será suficiente modificar o programa do estabelecimento-tipo; não será suficiente modificar o ensino em tais ou tais escolas que possuem bons professores de geografia· que almejam

a reforma. Será necessária uma ativa campanha de propaganda, pela difusão e vulgarização dos métodos, a explicação das teorias novas, dos sistemas didáticos-modêlo e alguns conselhos. Será necessário converter um a um, todos os mestres que se incumbem de ensinar geografia aos jovens patrícios. BG, nº10, 1944, p. 16).

No escrito *Os dados morfológicos preliminares*, o autor salienta que é necessário promover um esboço do conteúdo que será abordado, para uma maior familiarização do alunado com o tema, possibilitando, posteriormente, a utilização da descrição e nomenclatura. Posto isto, um professor de Geografia bem preparado deveria estar em diálogo com as práticas da Geografia moderna. O artigo intitulado *As Três Características do Estudo Geográfico* fornece as principais orientações para efetivar um saber coerente, sendo elas: a descrição, a explicação e a nomenclatura. Neste artigo, Carvalho atenta para os pontos positivos e negativos destes aspectos e prescreve sua importância, caso sejam aplicadas corretamente. Vamos observar:

A descrição geográfica, hoje em dia, é grandemente facilitada pelos progressos da arte fotográfica. Uma ilustração é uma descrição falante que o Mestre deve utilizar. [...]A segunda característica da Geografia é, pois, a explicação - E aí o ponto mais delicado do estudo geográfico - é exatamente o que o torna científico. Todo e qualquer fenômeno geográfico tem essa explicação. Nem sempre, porém, nos é dado com essa explicação completa, mas é quase sempre possível trazer a discussão a um certo número de elementos satisfatório. [...]o nome do lugar, eis o terceiro elemento da exposição geográfica - a chamada nomenclatura, que, durante muitos anos, foi o único elemento confiado a memória dos educandos. Nomenclatura não é Geografia, mas é indispensável à geografia porque delimita, localiza, precisa. (BG, 1944, p. 1668).

A descrição, foco de críticas dos professores firmados na perspectiva da Geografia moderna, não poderia ser repelida por seu uso incorreto, desconsiderando sua importância no processo formativo, Delgado de Carvalho sugere acima a inserção de outros elementos didáticos, a exemplo de ilustrações como fotografias, pinturas, desenhos e outros, oportunizando a leitura de um mundo real.

A explicação, muitas vezes renegada na Geografia tradicional, caracterizava o teor científico geográfico como disciplina escolar, uma vez que todo fenômeno ocorrido precisa ser explicado e comparado no tempo e espaço, no entanto, o professor deveria atentar-se para a capacidade cognitiva do nível escolar do alunado, a fim de adequá-la. Por último, a nomenclatura, grande vilã da construção de uma Geografia ativa no âmbito escolar, tem sua relevância restabelecida por nosso autor, tendo em vista que tudo precisa ser conceituado, o ponto central se caracteriza na moderação de seu uso.

No artigo *A exposição geográfica*, Delgado de Carvalho realiza mais prescrições metodológicas visando à obtenção de resultados pedagógicos procedentes da Geografia moderna. Portanto, “[...] antes da teoria, entremos na prática. Vejamos exemplos concretos. Quando êstes nos tiverem impressionado, procuraremos as razões do que nêles notamos, os "porquês" dos contrastes salientados” (BG, nº 19, 1944, p. 981). O autor sugere, antes de tudo, o contato pessoal do aluno com o objeto estudado, viabilizando, assim, uma relação estreita e de interesse.

Nesse sentido, a Escola Nova possuía grande influência no processo de ensino-aprendizagem, em que discute e relaciona conteúdo, experiência e vida. (GIROTTI, 2016). Para o nosso autor, além da dinamização de recursos didáticos que o professor deveria utilizar, a relação concreta com o meio estaria centralizada na concepção de um ensino ativo. Isto é afirmado no artigo *O estudo da paisagem*, como podemos observar:

Enquanto a geografia aparecer ao aluno secundário como uma disciplina que nada tem a ver com a sua vida de todos os dias, enquanto for para ele um assunto divorciado a experiência prática não podemos esperar que desperta o seu interesse, que venha representar uma realidade de todos os momentos. De tudo quanto é submetido na nossa inteligência procura a ciência fornecer aplicações palpáveis exemplos típicos que justifiquem o conhecimento. Para a Geografia, o exemplo por excelência, a situação concreta da excursão geográfica. (BG, nº 32, 1945, p. 1049).

A excursão geográfica é considerada um dos pontos basilares no ensino de Geografia na perspectiva moderna, uma vez que promove indivisivelmente a relação homem-meio de forma concreta. Similarmente, Carvalho (1945) publica um escrito, denominado *A excursão geográfica*, enfatizando a importância da preparação preliminar ambiental e psicológica realizadas pelo professor, a tentativa de absorver informações realmente relevantes e a elaboração eficaz acerca de contatos sociais, caso necessário, reafirmando a indispensabilidade deste método no ensino de Geografia.

O autor também ressalta a importância do bom uso de livros didáticos para fugir do ensino mnemônico no artigo *Compêndios e Ilustrações*, desde que os escritores destes livros se atentem para aspectos ilustrativos. Para Delgado de Carvalho, um compêndio não deveria se fixar apenas em nomenclaturas, mas ajustar a integração entre palavras e ilustrações, ou seja, “eu precisava, entretanto, dizer isso porque só assim poderei justificar a necessidade do complemento indispensável da Geografia moderna: mapa, o gráfico, a gravura ou a fotografia, o corte técnico, o diagrama, o cartograma.” (BG, nº27, 1945, p. 819). O ensino ativo tão almejado por Carvalho se configurava em tudo o que o professor poderia utilizar, incluindo aulas fora do âmbito escolar e o bom estudo no livro didático.

Outro ponto orientado por Delgado de Carvalho incorpora o currículo baseado em experiências, ainda que ele não dispusesse claramente os elementos necessários. No artigo *As unidades de trabalho e suas aplicações práticas*, o autor divide as unidades em cinco objetivos, podendo cada qual durar de uma a cinco semanas, sendo eles:

Quadro 2: Objetivos para a realização das unidades de trabalho

a) Objetivos determinados, claros;
b) Processos de trabalho aconselháveis;
c) Material e aparelhamento geográfico;
d) Uma distribuição da matéria no tempo;
e) Referências, bibliografia, indicações, etc.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Para um início profícuo, os objetivos teriam que se caracterizar no propósito desenhado pelo professor e o alunado deveria internalizá-lo, evitando a desvinculação metodológica no processo de ensino-aprendizagem. Os alunos deveriam trazer objetos que lhes cercam para acentuar sua participação na aula, oportunizando aos discentes um conhecimento mais efetivo.

Nesse sentido, também é necessário o auxílio da escola, na inserção de materiais que coadunem com as temáticas que estão sendo estudadas, a fim de criar um ambiente mais preparado, além de manter a organização dos livros que poderiam ser manuseados para chegar ao objetivo. Para o precursor da Escola Nova, John Dewey (1959), o ambiente escolar, procedente de uma organização colaborativa por todos que a compõe, proporcionaria transformações sociais incontestáveis no futuro.

No artigo *A evolução da Geografia Humana*, Carvalho fomenta a discussão de seu conceito e quais estudos se propõem a desenvolver, além de situar seu lugar ainda em um quadro mais tradicional se comparado com a Geografia física. Em outras palavras, “a Geografia Humana parece ainda estar procurando o seu caminho, sua orientação. Ainda se discute se tal ou qual fato entra ou não nos seus domínios, discussão que já não surge mais em relação aos domínios da Geografia Física” (BG, nº 33, 1945, p. 1164). Um dos objetivos da Geografia moderna converge com a evolução teórico-metodológico nas duas áreas geográficas. Esta ausência de um progresso mais imediato, consequentemente, temporizava pesquisas mais complexas e afetava o ensino em todos os níveis.

O último artigo da década de 1940, Carvalho escreveu em parceria com a professora Léa Quintiere, intitulado *Pródomos de um Parque Industrial no Brasil*, no qual

fez um apanhado geral dos impactos positivos e negativos da industrialização brasileira. Segundo Carvalho (1949), durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil condicionou procedimentos para ingressar numa esfera econômica, apoiada no capitalismo industrial, acentuando a vida moderna. Nesse sentido, Carvalho em seus escritos no periódico *Ibegeano*, sempre se propôs a elevar temáticas que estivessem em evidência, em virtude de fornecer um conhecimento racional e coeso acerca das terras brasileiras.

4.3 PIERRE MONBEIG: CONCEPÇÃO TEÓRICA E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Pierre Monbeig, assim como o professor Delgado de Carvalho, trouxe para o Brasil as contribuições da Geografia francesa, imputando aos seus alunos as principais obras de Vidal de La Blache, Albert Demageon, Emmanuel de Martone, Max Sorre e outros (CASSAB, 2011). Nesse sentido, Monbeig difundiu em sua prática, enquanto professor e pesquisador, o método descritivo minucioso do quadro social e paisagístico como principal forma de análise geográfica. Para o nosso autor, a região consistia numa espécie de mosaico que necessitaria de complexos estudos para a compreensão de sua totalidade.

No que tange à formação de professores, Pierre Monbeig sempre inseriu as excursões geográficas como ponto substancial para o conhecimento acentuado da realidade brasileira. Segundo Ab'Saber (1994, p. 226), refere-se de modo marcante ao seu primeiro contato com o estudo geográfico, através de seu mestre. Melhor dizendo, “nada de mais importante poderia ter marcado nosso destino, na escolha de uma ciência para ser cultivada pelo resto de nossas vidas, do que aquela primeira e predestinada excursão sobre o terreno”. Para tanto, o nosso autor prezava pela história do objeto apresentado, além de abordar o processo integral do que propiciaria o funcionamento de determinado dispositivo, uma vez que economistas, técnicos e especialistas poderiam se limitar a alguns aspectos, não o geógrafo (MONBEIG, 1952).

No contexto do ensino de Geografia para o nível escolar secundário, Monbeig preocupava-se consideravelmente com a preparação docente, contraditando os métodos puramente tradicionais que há muito se mostravam ineficazes. Nessa perspectiva, “estabeleceu uma posição crítica em relação ao uso excessivo de memorização no ensino de Geografia, não ignorando a relevância das funções da memória nos processos de ensino e aprendizagem” (MIRANDA, 2012, p. 53). Sua posição convergia com os

objetivos postos pelo governo Vargas e posteriormente o governo de Dutra (1946-1951) de originar nos jovens uma mentalidade patriótica e conhecedora do Brasil, alinhando-se aos acontecimentos de progresso do período.

Para tanto, seu percurso na primeira década de circulação no periódico *Boletim Geográfico* é classificado como basilar no processo formativo do geógrafo, dispondo de escritos importantes acerca da Geografia Urbana e contribuições sobre o ensino secundário. Sua identificação como professor da Universidade de São Paulo no impresso manifestava sua relevância como expoente da Geografia moderna brasileira, no qual seu majestoso nome esteve presente inúmeras vezes. Ao todo foram 11 artigos assinados desde 1943 até 1949, que se dividiram entre as seções de comentários, contribuição ao ensino, resenhas e opiniões, e transcrições.

Quadro 3: Sistematização dos artigos publicados no Boletim Geográfico por Pierre Monbeig

Artigos	Seções	Ano
Estudos geográficos	Comentário	1944
A Geografia no ensino secundário	Comentário	1944
A Zona Pioneira do Norte Paraná	Transcrições	1945
Indústria e Geografia	Comentário	1945
A Geografia e o meio vivo	Comentário	1946
Publicações cartográficas recentes	Comentário	1946
Estudo monográfico de uma estrada de ferro	Contribuição ao ensino	1946
O homem branco e o meio tropical	Comentário	1947
Geografia humana dos países tropicais	Resenhas e opiniões	1948
Noras sobre a Geografia humana do nordeste do Brasil	Transcrições	1948
Geografia e folclore	Comentário	1949

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

De acordo com o quadro exibido, encontramos 4 artigos voltados ao ensino de Geografia para o nível escolar secundário que se concentram, em sua maioria na seção de comentário, comportando 3 escritos e apenas 1 na seção de contribuição ao ensino. Dito isso, ressaltamos que os demais artigos, inclinados à Geografia Urbana e Cultural contribuíram significativamente na formação dos professores, uma vez que os cursos superiores desta ciência, como já citado acima, foram originados em 1934.

O professor Pierre Monbeig empreende sua caminhada no periódico Ibegeano, a partir do artigo nomeado *Estudos Geográficos*, em que realiza uma análise da postura do pesquisador e do professor formados pelas Faculdades Nacionais de Filosofia. Nesse sentido, Monbeig (BG, nº 11, 1944, p. 7), afirma o duplo sentido que o curso de Geografia deveria operar, e não apenas focalizar “[...] exclusivamente na formação de pesquisadores profissionais, mas também a de professôres destinados ao ensino secundário. Por conseguinte, o ensino da Geografia nessas escolas superiores deve ser organizado de maneira a atingir êsse duplo objetivo”.

Para o autor, um bom professor deveria ser pesquisador, preocupado em adquirir conhecimento e viabilizar uma formação fundamentada nos novos preceitos de um país em reconfiguração urbana. Sobre a situação da Geografia no ensino secundário, Monbeig (BG, nº 11, 1944, p. 8) acentua:

Tem-se assim a triste surpresa de descobrir que os homens que ensinam a geografia há anos só sabem, exatamente, o que está escrito nos manuais secundários, nunca viram um mapa topográfico ou analisaram dados climáticos ou estatísticos. Muitas vezes, mesmo, o ensino de 'geografia no curso secundário é confiado a professôres primários que não têm competência alguma para exercer essa função, para a qual não se prepararam de qualquer maneira.

Ao se direcionar à formação docente, Monbeig se preocupava com os cursos formativos e o que eles poderiam oferecer aos licenciandos, em termos de estrutura para a realização de atividades e um ensino coeso, bem como com os professores sem formação que atuavam no Brasil a fora, apenas seguindo à risca os compêndios, sem preparação intelectual. É nesse cenário que o autor escreve seu segundo artigo intitulado *A Geografia no ensino secundário*, iniciando o texto com perguntas pontuais acerca do papel desta ciência no nível escolar supracitado e como seria o recrutamento ideal de professores de Geografia dos colégios e ginásios. Monbeig (BG, nº 26, 1945, p. 163) acentua:

O material com o qual dos professores secundários de geografia devem trabalhar se apresenta em condições favoráveis. Com efeito, os alunos que fazem seus estudos secundários pertencem quase sempre a famílias de classes em boa situação econômica, cujo nível de cultura é nitidamente superior ao das famílias das crianças dos cursos primários. Isto significa que os alunos dos ginásios recebem no lar, pelo simples jogo de conversação familiar, um complemento de instrução extremamente útil para a geografia: lê-se o jornal, comenta -se as notícias; vista-se durante as férias ou a negócios ou por relações familiares; habitantes das cidades, os estudantes secundários se beneficiam do rádio, das atualidades do cinema.

Portanto, o nível cultural do alunado permitia uma exploração mais acentuada do professorado de Geografia, podendo alinhar suas possibilidades de conhecimento aos conteúdos que seriam abordados. No entanto, sua má formação não condicionava o êxito dos resultados, uma vez que não possuíam capacidade para dialogar com as informações já colocadas. Conforme Miranda (2012), Monbeig partilhava do pensamento de que os professores deveriam ensinar o conhecimento de modo geral, como também propiciar o desenvolvimento das faculdades intelectuais.

No artigo *A zona pioneira do Norte-Paraná*, o autor faz uma breve reconstituição de um trabalho já realizado por Pierre Deffontaines, afirmando que o texto se dá pela tentativa de classificação e delimitação de regiões, e segue assinalando as principais características climatológicas, hidrológicas e geomorfológicas da região. Nesse sentido, Monbeig faz uma análise demográfica e elucida sobre o desenvolvimento urbano em detrimento do meio rural, descrevendo cuidadosamente a paisagem, elencando o número de casas, a cor da lama, número de famílias e a dinâmica estabelecida entre o homem e a natureza para sua sobrevivência.

Já o seu quarto escrito, intitulado *Geografia e Indústria*, apresenta um amplo panorama de ligação que a industrialização possui com a Geografia, muito por conta das atividades humanas visando ao crescimento infindável da economia e como tal funcionamento modificou a natureza. Conforme Monbeig (1945), falar de uma exuberante atividade que é a indústria e a magistral Geografia, de modo amplo, seria estranho aos leitores, tendo em vista que eram acostumados a grandes listas de nomes e superficialidade no conteúdo.

O artigo *A Geografia e o meio vivo* retrata a história das migrações e como esta prática domesticou animais e plantas ao longo da existência humana. É necessário lembrar que temas como estes foram colocados pela incidência do processo migratório que estava ocorrendo devido a Segunda Guerra Mundial. Dito isso, ressaltamos que não só este texto, mas todos os seus assinados possuem um caráter extremamente informativo e de fácil entendimento, o que configura num manejo válido para a utilização do professor secundário.

Nessa direção, em seu sexto artigo nominado *Publicações cartográficas recentes*, Monbeig inicia enfatizando a importância da cartografia para a defesa nacional, destacando que não só os militares tiveram papel basilar, mas também o CNG que estava sempre presente e atuante na construção de uma nova carta territorial do Brasil. Seguindo neste escrito, o autor ressalta como a carta poderia auxiliar no ensino de Geografia: “que

boas lições de verdadeira Geografia poderia dar um professor![...] Seria a morte dessa lista absurda e interminável de nomes de serras (que de fato não são serras !) que se mete à fôrça na memória das crianças, como se o objetivo fôsse cretinizá-las” (BG, nº39, 1946, p.265). Monbeig sempre pensava em como as inovações que abarcavam a Geografia poderiam contribuir com a Geografia escolar, fornecendo outra configuração metodológica.

No artigo *Estudo monográfico duma estrada de ferro*, o autor inicia com críticas aos compêndios, por ter o mínimo de informações acerca das estradas de ferro. Para tanto, Monbeig (BG, nº45, 1946, p. 1147) segue indagando, “será porque é tão pobre de estudos sérios sôbre a rêde ferroviária a bibliografia geográfica brasileira? Esta pobreza é tanto mais lastimável”. Nesse período de avanço, as estradas de ferros representavam a modernidade industrial e elemento de grande importância para o desenvolvimento socioeconômico, do qual os jovens deveriam estar cientes e integrados ao saber, entretanto, o tema ainda era muito escasso no Brasil.

Nos escritos *O homem branco e o meio tropical* e *Geografia humana dos países tropicais*, Monbeig discute a relação entre o clima e o homem, ratificando que a concepção de clima não deve se ater apenas a Geografia física, assim como fornecer a compreensão dos gêneros de vida e como este fator opera na zona rural e meio urbano. Aliado aos fatos citados, o autor possibilita de modo compreensível o que é um país tropical, suas principais características e como o professor pode estudar tal conteúdo. Para além, Monbeig (1948) afirma que os europeus, muitas vezes ao falar sobre os países tropicais, excedem-se nas críticas e comparação aos países centrais, esquecendo que suas nações demoraram milhares de anos para reajustar a natureza.

O artigo *Notas sobre a Geografia humana no Nordeste do Brasil* apresenta um panorama acerca da climatologia do Nordeste, focalizando sobretudo na distribuição das chuvas. Nesta perspectiva, Monbeig (1948) aponta para os problemas acarretados pela seca, responsável por inviabilizar boas plantações, afetando a vida do sertanejo. Para o autor seria necessário mudar a narrativa de vocação pastoril tracejado pelas autoridades e buscar outros recursos para que a agricultura pudesse progredir. No que se refere *Geografia e Folclore*, Monbeig assinala a importância de estudar os gêneros de vida para a Geografia humana, citando a relevância de Vidal de La Blache por constituir estudos que provaram a independência social a partir da utilização de técnicas sobre a natureza e não um quadro estático do homem preso sobre os poderes do meio físico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, através dos artigos assinados pelos professores e pesquisadores franceses, Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig, no periódico *Boletim Geográfico*, pudemos compreender a Geografia moderna requerida para a Geografia escolar brasileira durante a década de 1940, a qual já possuía vínculos com a Escola Nova. Em meio aos dinamismos do período Estado Novo Getulista, a Geografia moderna se consolidava, por contribuir veementemente com as aspirações do Estado, e os nossos autores não diferiam das principais diligências do aparelho administrativo, atuando alinhadamente com os desígnios da época.

Para tanto, os escritos nos revelam uma nova configuração pedagógica que o corpo docente de Geografia deveria conceber, inserindo em suas práticas metodológicas materiais didáticos que representassem de maneira mais evidente a realidade do alunado, logrando o máximo possível de seus conhecimentos nacionais para efetivar uma consciência patriota e cidadã. Reafirmando as palavras de Lima (2016), o professor começaria por ensinar o aluno a observar, pondo-o em contato constante com as coisas e acontecimentos.

Os autores aqui analisados se preocupavam demasiadamente com a formação do professorado de Geografia, uma vez que através do processo formativo resultaria resultados positivos ou negativos sobre o ensino secundário. Como já afirmado acima, ainda que os escritos (possuindo temáticas vigentes no currículo do nível escolar supracitado) não fossem voltados ao fazer pedagógico, desempenharam papéis importantes, considerando a escassez de literaturas brasileiras tratando de aspectos sociais e naturais.

Para Carvalho (1945), o professor deveria encontrar o equilíbrio entre a utilização da nomenclatura e outros elementos importantes para o aprendizado do aluno, sem esquecer de aplicar fotografias, gráficos e a realização de excursões, para o autor, nada de extremos. Conforme Monbeig (1945), o docente precisaria esquematizar, esclarecer e cultivar a humildade intelectual, respeitando a idade de seus alunos, nunca abandonando o espírito investigativo, atentando-se em não formar geógrafos, mas focando na contribuição intelectual do corpo discente.

Não obstante, ressaltamos que os autores supracitados não concordavam sobre todos os elementos do ensino de Geografia propostos por cada um, uma vez que suas prescrições metodológicas revelam direcionamentos semelhantes, bem como também

distintos em suas abordagens. Delgado de Carvalho, signatário da Escola Nova, possuía uma postura professoral mais didática, focalizada no fazer da escolarização, enquanto Pierre Monbeig, mesmo preconizando a dinamização de materiais didáticos, direcionava de forma assídua o êxito do ensino de Geografia ao professor detentor do conhecimento investigativo.

Dito isso, o periódico *Boletim Geográfico*, como impresso renovador do IBGE, mostrou-nos de forma efetiva a influência da Geografia francesa na constituição da Geografia brasileira durante os anos de 1940, mesmo com a leve presença de outros pensamentos geográficos. Este fato não se evidencia somente pela grande participação na estruturação dos cursos superiores e dos principais institutos de dados e pesquisas geográficos, mas no método regional de Paul Vidal de La Blache, sempre presente nos resultados de pesquisas e nas prescrições metodológicas para o professor de Geografia, destinados ao ensino secundário, fundamentados na descrição, explicação e comparação.

Ao analisar os artigos do periódico Ibegeano, concordamos com Camargo (2009), quando afirma que o *Boletim Geográfico* operou uma relevante atribuição, em virtude de difundir a Geografia moderna no território brasileiro e contribuir significativamente na formação dos professores de Geografia em um momento no qual os cursos superiores eram escassos, cumprindo os desígnios do aparelho administrativo governamental de fornecer um amplo saber acerca da realidade territorial, natural e social do Brasil. Por fim, seguimos acreditando que a história da Geografia, pode ser compreendida, também, através de periódicos como o *Boletim Geográfico*, capazes de nos apresentar significativas características da formação docente na área de Geografia.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.8, n.22, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PbQ9ZPWNNJRBj6WCRCZxGz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: junho./2023.
- ABRANTES, V. Era preciso redescobrir o Brasil: As expedições geográficas do IBGE entre as décadas de 1940 e 1960. **Terra Brasilis [online]**, n. 3, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/982> Acesso em: set./2023.
- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. DOIS MOMENTOS NA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR: a geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista brasileira de educação em Geografia**, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul. 2011. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/29/29> Acesso em: Set./2023.
- ANDRADE, Manoel Correia. A construção da geografia brasileira. **RA'E GA – O espaço geográfico em análise**, n.3, ano III, p. 19-34, 1999.
- ANDRADE, Manoel Correia de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.54, p. 05-28, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1088>. Acesso em: Set./2023
- ARANHA, Patrícia. O IBGE e a consolidação da geografia universitária brasileira. **Terra Brasilis (Nova Série)**, São Paulo, n. 3, p. 1 - 17, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/971> Acesso em: jun./2023.
- ALVES, Flamarion Dutra. O pensamento francês na geografia rural do Brasil. **Confins**, São Paulo, v.16, p.1-17, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7814> Acesso em: dez./2023.
- AZEVEDO, Aroldo; MONBEIG, Pierre e CARVALHO, Maria da C. V. **O ensino secundário da Geografia**. Copiado de Geografia, Ano I, nº4, AGB São Paulo, Revista Orientação, nº 8, 1990. p.113 – 115.
- BARROS, Maria Cristina Lanza de. **A História da disciplina Geografia nas décadas de 1930 e 1940: Expressão da fisionomia do Estado**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2000.
- BARROS, Nilson Cortez Crocia De. Delgado de Carvalho e a geografia no Brasil como arte da educação liberal. **Estudos Avançados**, São Paulo, p. 317-333 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tLJfjGsspcFHZQtVshLB6jv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: jan./2023.
- BASTOS, Maria Helena C. A imprensa periódica educacional no Brasil de 1808 a 1944. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena C. (orgs.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 173-187.
- BATISTA, Bruno Nunes. O ensino de geografia paga tributo à escola nova? **Geosaberes**, Fortaleza, n. 19, p. 01-16, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5528/552857130016/552857130016.pdf>. Acesso em: jan./2023.
- BERDOULAY, Vicent. **A escola francesa de Geografia: uma abordagem contextual**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

- BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação**: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- CACETE, Núria Hanglei. **O Ensino Superior no Brasil e a Formação de Professores (1930 – 2000)**. Jundiaí: Paco, 2017.
- CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. A Revista Brasileira de Geografia e a organização do campo geográfico no Brasil (1939-1980). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 01, p. 23-39, 2009. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=42. Acesso em: set./2023.
- CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico**. Petropolis: Typographia das Vozes de Petropolis, 1925.
- CARVALHO, Carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. Educação e modernização em Minas Gerais: os princípios da reforma Francisco Campos (1926–1930). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v.13, n.51, p.139-156, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640269> Acesso em set./2023.
- CASSAB, Clarice. A Geografia de Pierre Monbeig. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.1-26, 2011. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nugea/files/2010/09/MONBEIG-1.pdf> Acesso em set./2023.
- CASTRO, Christovam Leite de. Boletim Geográfico. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, fev. 1943. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.
- CASTRO, Christovam Leite de. Um ano de divulgação geográfica. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 13, abr. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.
- CELLARD, André. A análise documental. In: DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIERE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Alvaro; POUPART, Jean. (Org.) **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. [Tradução de Ana Cristina Nasser] Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORREIA FILHO, Virgílio. Documentação geográfica ativa. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, fev. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.
- CHERVEL, André. Quando surgiu o ensino secundário?. **Educa**, São Paulo, v.18, n.1, p.99-112, 1992. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rfe/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em: ago./2023.
- MELLO, Márcia Cristina de Oliveira; CUANI JUNIOR, João Luiz. Geografia no currículo da Escola Secundária brasileira, a partir da proposta de Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Maria Conceição Vicente de Carvalho (1935). **Revista signos geográficos**, Goiânia-GO, v. 2, p. 1-16, 2020. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/61652>>. Acesso em Mar./2022.
- DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, n.2, p.186-191, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.puocs.br/ojs/index.php/faced/article/view/5520/4015>. Acesso em: 05 jun. 2023.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a Nação**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

DIAS, Angélica Mara de Lima. **A Revista do Ensino e a Geografia Escolar (1932 – 1942): inovações educacionais na Paraíba**. Tese (doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

DIAS, Maria Vitória Ferreira; DIAS, Angélica Mara de Lima. O ensino de Geografia e a formação pedagógica para a escola primária na Paraíba na década de 1930. **Revista Brasileira de educação em Geografia**, Campinas, v.13, n.23, p.05-25, 2023. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1265/616> Acesso em: out./2023.

FERNANDES, Felipe Moura. Pierre Monbeig e o Brasil: texto e contexto. **Revista de Geografia**, Minas Gerais, v.1, n.1, p.1-6, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Os professores franceses e a redescoberta do Brasil. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 43, p. 227 - 246, 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9941/professores.pdf> Acesso em: jan./2023.

FICHEUX, Robert. Ensino da Geografia II. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 86, mai. 1950. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

GATTI, Bernardete, ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian., PFAFF, Nicole. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. A relação entre Geografia Escolar e Acadêmica na obra de Delgado de Carvalho: uma análise a partir do Boletim Geográfico (1943-1947). **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v.94, p.12-31, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/405/543>. Acesso em: fev./2023.

LIMA, Rosângela Chrystina Fontes de. **Cultura Escolar do Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello: o espaço de reinvenção e disseminação de novas práticas educacionais (1932-1950)**. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

LOPES, M. R. C. Boletim Paulista de Geografia (1949-1979): leitura sobre o saber geográfico escolar. In: **14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias**, 2019, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas: Unicamp, 2019. p. 907 – 922. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2938> Acesso em: Abr./2023.

MASSUNAGA, Magda Rigaud Pantoja. **Práticas discursivas na escola: a construção social do erro**. 1997. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar de Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MENEZES, Maria Lúcia Pires. A Geografia de Delgado de Carvalho. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v.2, n.1, p.1-17, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17901> Acesso em: Abr./2023.

MIRANDA, Maria Eliza. A atualidade de pierre monbeig e o direito de aprender geografia. **Revista do departamento de geografia**, p.52-67, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53842/57805> Acesso em: Abr./2023.

MOREIRA, Rui. Há uma geografia brasileira? In: _____. **O pensamento geográfico brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 145-162.

NOVOA, Antonio. A Imprensa de Educação e Ensino: concepções do repertório português. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena C. (orgs.). Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 1132.

PEREIRA, José Veríssimo Costa. A Geografia na universidade do Ar. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 14, mai. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

PEREIRA, Sérgio Nunes; ZUSMAN, Perla. Entre a Ciência e a Política: Um olhar sobre a Geografia de Delgado de Carvalho. **terra brasilis**, São Paulo, v.1, 2000. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/288>. Acesso em: abr./2023.

PIZZATO, Maria Dilonê. A Geografia no contexto das reformas educacionais brasileiras. **Geosul**, v. 16, n. 32, p. 96-137, 2001.

SOARES, José Carlos de Macedo. Apresentação. **Boletim Geográfico do Conselho Nacional**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, mai. 1943. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

SOUZA, R. F. História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: (ensino primário e o secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

Redação IBGE. Divisão regional do Brasil. **Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia**, Rio de Janeiro, v.1, n.1. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

Redação IBGE. Divisão regional do Brasil. **Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia**, Rio de Janeiro, v.8, n.96. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

ZARUR, Jorge. A secção de comentários. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 15, jun. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

FONTES:

CARVALHO, Delgado de. Geografia e Estatística. **Boletim do Conselho Nacional de Geografia**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 9-18, mai. 1943. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

_____, Geografia das línguas. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.1, n.4, p. 45-62, jul. 1943. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

_____, O ensino da Geografia no curso de humanidades. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.1, n.10, p.7-13, jan. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

_____, A orientação moderna. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.1, n.12, mar. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun.2023.

_____, as regiões naturais máximas. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.1, n.13, p.5-8, abr.1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

_____, A exposição geográfica. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.2, n.19, p.981-984, out. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun.2023.

_____, As três características do ensino geográfico. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.2, n.23, p.1667-1669, fev. 1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun.2023.

_____, O sentido geográfico, **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.25, p.7-10, abr. 1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.

_____, Os dados morfológicos preliminares. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.27, p.347-350, jun.1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun.2023.

_____, Compêndios e ilustrações. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.30, p.817-820, set. 1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jul. 2023

_____, O estudo da paisagem. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.32, p.1049-1051, nov.1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jul. 2023.

_____, Evolução da geografia humana. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.33, p.1163-1170, dez. 1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jul. 2023.

_____, As unidades de trabalho e suas aplicações práticas. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.5, n.51, p.235-240, jun. 1947. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em set. 2023.

_____, As excursões geográficas. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.5, n.59, p.1217-1220, fev. 1948. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em set. 2023.

_____, Pródomos de um parque industrial no Brasil. **Boletim Geográfico**, v.6, n.71, p.1305-1309, fev.1949, Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em set. 2023

- MONBEIG, Pierre. Estudos geográficos. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.1, n.11, p. 7-11, fev.1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun.2023.
- _____, A geografia no ensino secundário. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.26, p.163-171, mai.1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.
- _____, Indústria e geografia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.28, p.521-526, jul. 1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jun. 2023.
- _____, Pesquisas geográficas. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.31, p.915-919, out. 1945. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em jul. 2023.
- _____, A geografia e o meio vivo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.3, n.34, p.1267-1269, jan.1946. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em ago. 2023.
- _____, O clima e o organismo humano. **Boletim Geográfico**, v.4, n.37, p.5-8, abr. 1946. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em ago. 2023.
- _____, Publicações cartográficas recentes. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.4, n.39, p. 265-268, jun. 1946. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em ago.2023.
- _____, Estudo monográfico duma estrada de ferro. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.4, n.45, p. 1147-1150, dez.1947. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em set. 2023.
- _____, O homem branco e o meio tropical. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.5, n.50, p.123-125, mai.1947. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em set. 2023.
- _____, Geografia humana dos países tropicais. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.5, n.60, 1459-1466, mar.1948. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em set.2023.
- _____, Geografia e folclore. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v.6, n.70, p.1145-1147, jan. 1949. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=719&view=detalhes> Acesso em set. 2023.